

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO ORGANIZACIONAL**

ELLEN FERREIRA DE MELO

**MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA:
Repertórios Interpretativos na Folha de S. Paulo sobre as Candidatas à Presidência da
República em 2022**

UBERLÂNDIA
2024

ELLEN FERREIRA DE MELO

**MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA:
Repertórios Interpretativos na Folha de S. Paulo sobre as Candidatas à Presidência da
República em 2022**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão Organizacional da Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Gestão Organizacional.

Linha de Pesquisa: Gestão Pública

Orientação: Profa Dra. Cíntia Rodrigues de Oliveira

UBERLÂNDIA
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M528m Melo, Ellen Ferreira de, 1995-
2024 Mulheres na política brasileira [recurso eletrônico] : repertórios interpretativos na Folha de S. Paulo sobre as candidatas à presidência da república em 2022 / Ellen Ferreira de Melo. - 2024.

Orientadora: Cíntia Rodrigues de Oliveira.
Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Gestão Organizacional.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5038>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Administração. I. Oliveira, Cíntia Rodrigues de, 1963-, (Orient.).
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Gestão Organizacional. III. Título.

CDU: 658

André Carlos Francisco
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Gestão
Organizacional

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 5M, Sala 108 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG,
CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4525 - www.ppggo.fagen.ufu.br - ppggo@ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Gestão Organizacional				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, 109, PPGGO				
Data:	Quatro de março de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	09:00	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	12212GOM025				
Nome do Discente:	Ellen Ferreira de Melo				
Título do Trabalho:	MULHERES NA POLÍTICA BRASILEIRA: repertórios interpretativos na Folha de S. Paulo sobre as candidatas à presidência da república em 2022				
Área de concentração:	Gestão Organizacional				
Linha de pesquisa:	Gestão Pública				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	-				

Reuniu-se, por meio de webconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Gestão Organizacional, assim composta: Professores Doutores: Valdir Machado Valadão Júnior (UFU), Mayla Cristina Costa Maroni Saraiva (UNB) e Cíntia Rodrigues de Oliveira, orientadora da candidata.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dr^a. Cíntia Rodrigues de Oliveira, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos,

conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Cíntia Rodrigues de Oliveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 04/03/2024, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valdir Machado Valadão Júnior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 04/03/2024, às 10:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mayla Cristina Costa, Usuário Externo**, em 04/03/2024, às 12:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5159886** e o código CRC **E755AA69**.

*Ao meu filho Heitor,
dedico não só esta dissertação,
mas toda a minha vida.
Você mudou a minha existência e
quando crescer espero que sinta
orgulho da sua mãe.*

AGRADECIMENTOS

Sempre tive facilidade para escrever, para me expressar e imagino que esse seja um dos motivos que me fizeram escolher o jornalismo. Mas ao redigir o agradecimento desta dissertação, parece que as palavras resolveram me pregar uma peça e fugiram para bem longe.

Se eu tivesse que resumir o último ano em uma palavra, a escolhida seria transformação. No dia 5 de fevereiro de 2023, o Heitor nasceu e, além de transformar a Ellen em mãe, ele transformou a vida, a rotina...

Em março de 2023, cheguei a pensar em desistir do mestrado. No auge do puerpério, parecia impossível lidar com um recém-nascido e me dedicar aos estudos. Nesse momento de desespero, surge a minha orientadora, Prof^ª Dra^a Cíntia, que como uma espécie de fada madrinha disse palavras de apoio e incentivo. Com muita compreensão e paciência com essa mãe de primeira viagem, ela me mostrou que era sim possível conciliar todas as minhas demandas e desejos, e que no final daria tudo certo. Minha gratidão e admiração por você serão eternos.

Agradeço também a todos os professores e servidores do PPGA / FAGEN / UFU pela troca de ensinamentos e por terem auxiliado na construção de uma nova pesquisadora.

Aos professores membros da banca examinadora, prof. Valdir e profa. Mayla, quero dizer que é uma honra ter vocês comigo nesse momento e agradeço pela contribuição com o meu trabalho.

Agradeço ao meu marido e companheiro Gustavo, que além de ser meu principal incentivador, compreendeu minha ausência e me apoiou em todas as dificuldades. Nos conhecemos quando eu fazia cursinho pré-vestibular e agora olha só onde chegamos...

Agradeço a todos os familiares e amigos que estiveram presentes nessa caminhada através de palavras e gestos de motivação. Em especial, agradeço às minhas avós Ibrantina e Márcia.

E por fim, agradeço ao meu filho Heitor por ter ressignificado a minha vida e fazer com que eu sentisse dentro de mim um amor que eu não sabia ser capaz de existir. Tudo isso é pra você!

Obrigada, Deus! Por ter me guiado até aqui.

“Descobrir consiste em olhar
para o que todo mundo está vendo
e pensar uma coisa diferente”.

(Roger Von Oech)

RESUMO

A desigualdade de gênero é uma temática contemporânea, recorrente em todas as esferas da sociedade e presente na vida cotidiana das mulheres. No campo político, a realidade não é diferente e a mídia tem uma atuação decisiva para transmitir informações, construir ou reforçar estereótipos e preconceitos. O aspecto central estabelecido para esta pesquisa é a representatividade das mulheres na política brasileira e o objetivo geral da dissertação é explorar os repertórios interpretativos veiculados na versão eletrônica do jornal Folha de S. Paulo sobre as mulheres candidatas à presidência da república nas eleições de 2022. No quadro teórico, são apresentados conceitos e perspectivas sobre teorias feministas, gênero, estereótipos, desigualdade política de gênero e a mídia como disseminadora de representações. Em termos metodológicos, através de uma pesquisa documental, foram selecionadas 41 matérias em que as quatro candidatas são colocadas como protagonistas e que foram veiculadas entre 16 de agosto e 30 de setembro de 2022. As análises levaram à identificação de cinco repertórios interpretativos e todos eles, sem exceção, desabonam e ou inferiorizam as candidatas: mulheres com “coração de mãe”; mulheres são incapazes e dependentes; mulheres são confusas e nervosas; mulheres são diferentes dos homens e precisam de um tratamento especial; mulheres são engraçadas e histéricas. Os repertórios propagados por um dos veículos mais tradicionais de comunicação do país são construídos socialmente e culturalmente, revelando o pensamento da própria sociedade. A análise aponta que a igualdade entre homens e mulheres propagadas pela Constituição Federal está longe de ser uma realidade. Além de promover uma análise da desigualdade de gênero no campo político e auxiliar gestores e gestoras a incluírem em sua agenda de políticas públicas ações que beneficiem as mulheres no alcance da igualdade na representação política, a presente dissertação contribui para estimular atividades, políticas e ações que potencializem o alcance de um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU), que aponta a igualdade de gênero como um obstáculo a ser superado para que a população possa viver em um ambiente de paz e próspero.

Palavras-Chaves: desigualdade política; representatividade; mídia; mulheres; ODS

ABSTRACT

Gender inequality is a contemporary theme, recurring in all spheres of society and present in women's daily lives. In the political field, the reality is no different and the media plays a decisive role in transmitting information, building or reinforcing stereotypes and prejudices. The central aspect established for this research is the representation of women in Brazilian politics, and the general objective of the dissertation is to explore the interpretative repertoires conveyed in the electronic version of the newspaper Folha de S. Paulo about women candidates for the presidency of the Republic in the 2022 elections. In the theoretical framework, concepts and perspectives on feminist theories, genders, stereotypes, political gender inequality and the media as a disseminator of representations are presented. In methodological terms, through documentary research, 41 articles were selected in which the four candidates are placed as protagonists and which were broadcast between August 16 and September 30, 2022. The analyzes led to the identification of five interpretative repertoires and all of them, without exception, discredit and/or inferiorize the candidates: women with “a mother’s heart”; women are incapable and dependent; women are confused and nervous; women are different from men and need special treatment; women are funny and hysterical. The repertoires propagated by one of the most traditional communication vehicles in the country are socially and culturally constructed, revealing the thinking of society itself. The analysis points out that the equality between men and women propagated by the Federal Constitution is far from being a reality. In addition to promoting an analysis of gender inequality in the political field and helping managers to include in their public policy agenda actions that benefit women in achieving equality in political representation, this dissertation contributes to stimulating activities, policies and actions that enhance the achievement of one of the Sustainable Development Goals (SDGs) proposed by the United Nations (UN), which highlights gender equality as an obstacle to be overcome so that the population can live in a peaceful and prosperous environment.

KEYWORDS: political inequality; representativeness; media; women; SDG

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Portal Jornal Folha de S. Paulo	42
Tabela 1 – Resultados Encontrados	42
Quadro 1 – Categorização das Matérias	43
Tabela 2 – Classificação das Matérias	43
Quadro 2 - Padronização Corpus Utilização IRAMUTEQ	45
Figura 2: Estatística Textual	48
Tabela 3: Palavras Mais Utilizadas e Frequência	49
Figura 3: Análise de Similitude Simone Tebet e Soraya Thronicke	50
Figura 4: Análise de Similitude Sofia Manzano e Vera Lúcia	51
Figura 5: Nuvem de Palavras	52

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CF – Constituição Federal

IVC - Instituto Verificador de Comunicação

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONU – Organização das Nações Unidas

TSE – Tribunal Superior Eleitoral

TST – Tribunal Superior do Trabalho

UIP – União Interparlamentaria

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Objetivos	13
1.2 Justificativa da pesquisa	14
1.3 Estrutura da dissertação	15
2. ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE MULHERES	17
2.1 Teorias feministas: abordagens teóricas	17
2.2 Gênero como categoria analítica	21
2.3 Estereótipos atribuídos às mulheres	24
2.4 Mídia como disseminadora de tais representações	31
2.5 Desigualdade política de gênero	33
3. A PESQUISA DOS REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS	39
4. REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS SOBRE AS CANDIDATAS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM 2022 NA FOLHA DE S. PAULO	45
4.1 Tratamento e análise do corpus	45
4.2 Resultados extraídos do IRAMUTEQ	47
4.2.1 <i>Análise dos corpus</i>	46
4.3 Repertórios Interpretativos	52
4.3.1 <i>Mulheres com “coração de mãe”</i>	53
4.3.2 <i>Mulheres são incapazes e dependentes</i>	54
4.3.3 <i>Mulheres são confusas e nervosas</i>	57
4.3.4 <i>Mulheres são diferentes dos homens e precisam de um tratamento especial</i>	60
4.3.5 <i>Mulheres são engraçadas e histéricas</i>	62
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	64
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE	81

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade de gênero é uma temática contemporânea, recorrente em todas as esferas da sociedade e presente na vida cotidiana das mulheres. A pauta feminista e as reflexões sobre a posição ocupada por elas em todos os espaços ganharam força nos últimos tempos (Biroli; Miguel, 2015; Siqueira; Bussinguer, 2020). No entanto, apesar das inúmeras conquistas obtidas, a igualdade concreta entre homens e mulheres ainda parece uma realidade distante (Maule, 2021).

Historicamente, o Brasil é uma sociedade patriarcal (Cisne, 2015) e por essa razão é oportuno identificar os repertórios interpretativos da imprensa nacional, o que também pode ser considerado um dos reflexos do pensamento da própria sociedade brasileira, como expresso em suas leis: “O Código Civil de 1916 expunha o indivíduo do sexo feminino como um ser inferior, sendo “relativamente incapaz”, necessitado de orientação e aprovação masculina” (Chagas; Chagas, 2017, p. 4). A sonhada igualdade só foi prevista com a Constituição Federal de 1988, que instituiu a isonomia entre mulheres e homens.

A despeito da “crescente atuação das mulheres nas arenas públicas, sobretudo nos espaços relacionados à cultura, à educação, à política e ao mercado de trabalho” (Gonzalez, 2014, p. 239), uma questão ainda em discussão é se a entrada das mulheres em locais em que até pouco tempo não tinham acesso é suficiente para afirmar que se tem uma sociedade igualitária.

Em cargos de gerência e gestão, a isonomia salarial é uma ilusão. O rendimento das mulheres representa, em média, 77,7% ao dos homens (Tribunal Superior do Trabalho, 2023, s. p.). Elas também sofrem três vezes mais assédio sexual no ambiente de trabalho, mas a grande maioria não consegue sequer fazer denúncia (Barreto, 2021, s. p.). E os motivos são vários, como, por exemplo: o medo, a vergonha, a falta de conhecimento para identificar a ocorrência de uma agressão, a crença de que se trata de um episódio isolado que não se repetirá, e duvidar da existência de punições.

Em muitas situações noticiadas na mídia, a palavra das mulheres é sempre questionada. Quantos casos o agressor não sofre uma condenação justa e segue sua vida normalmente? Nem mesmo quando o crime é flagrado por câmeras de segurança. Um exemplo concreto é o caso do DJ Ivis, que em julho de 2021 ficou pouco mais de três meses detido depois que as imagens dele agredindo Pamella Holanda, que fora casada com ele, foram divulgadas (G1, 2021, s. p.). Por esses tipos de casos, é comum o pensamento de “Denunciar por quê? Não vai adiantar nada”.

Dados divulgados pela Rede de Observatórios da Segurança mostraram que no ano de 2022, foram registrados 2.423 casos de violência contra mulheres, ou seja, pelo menos uma vítima a cada quatro horas no Brasil (Ferreira, 2023, s. p.). O número de casos de feminicídio também é assustador: um levantamento feito pelo portal G1 nos 26 estados e no Distrito Federal, mostrou que 1.400 mulheres foram mortas apenas pelo fato de serem mulheres, média de um óbito a cada seis horas (Velasco *et al.*, 2023).

A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340 / 2006) foi um marco no combate à violência de gênero na história brasileira. A legislação “visa assegurar os direitos das mulheres, aumentando o rigor das punições de quem comete o crime, bem como promover políticas públicas para auxiliar na prevenção e no enfrentamento da violência contra mulher” (Chagas; Chagas, 2017, p. 5). Ainda assim, mesmo sendo um importante recurso para as mulheres, a referida lei não teve o impacto esperado.

A atuação do poder público é fundamental na construção de uma sociedade de fato igualitária, mas o papel efetivo das mulheres na política ainda é um grande desafio (Biroli; Miguel, 2015). O direito feminino ao voto, por exemplo, só foi alcançado na década de 1930. Em um primeiro momento, a participação das mulheres no processo eleitoral era facultativa e se tornou obrigatória apenas no ano de 1965.

O sufrágio feminino passou a ser possível graças à luta de movimentos feministas e, em 2022, as mulheres são a maioria do eleitorado brasileiro. As estatísticas apontam que, das mais de 156 milhões de pessoas aptas a participar das últimas eleições brasileiras, realizadas em outubro de 2022, 53% são mulheres (Tribunal Superior Eleitoral, 2022, s. p.). Porém, essa preponderância não é mantida nos espaços formais de poder e elas ainda são sub-representadas.

A Câmara Federal, em 2023, conta com 90 deputadas em atuação. Para efeito de comparação, em 2014, esse número era de 51, o que representa um aumento de 76%. Mas quando se leva em consideração que são 513 parlamentares, ter apenas 17,5% de mulheres ainda é um número insignificante para se falar em representatividade (Câmara dos Deputados, 2022a, s. p.). Já no Senado Federal, que é composto por 81 parlamentares, são apenas 15 mulheres, o que representa 18,5% (Agência Senado, 2022b, s. p.).

A União Interparlamentaria (UIP), que é a organização internacional dos parlamentos, revela que a média da presença das mulheres nesses espaços em 193 países é de 26,4%. Ou seja, a realidade brasileira está abaixo da média. No *ranking* organizado pela mesma instituição, o Brasil ocupa a posição de número 146 quando o assunto é a participação das mulheres (Câmara dos Deputados, 2022b, s. p.).

Para o cargo à presidência da república, ao longo de toda a história, 11 mulheres se candidataram (Ghiraldelli, 2022, s. p.), mas a única que conseguiu ocupar a posição foi Dilma Rousseff, eleita no segundo turno do processo eleitoral de 2010 com 56% dos votos válidos. Nas eleições de 2022, quatro mulheres fizeram parte da disputa pela presidência, um número recorde, foram elas: Simone Tebet (MDB), Sofia Manzano (PCB), Soraya Thronicke (União Brasil) e Vera Lúcia (PSTU). A candidata mais bem colocada na última corrida presidencial foi Simone Tebet, que recebeu mais de 4,9 milhões de votos (4,16%). Soraya teve 0,51%, Sofia 0,04% e Vera 0,02% (Tribunal Superior Eleitoral, 2022, s. p.).

O desempenho das candidatas pode ser considerado negativo, ainda mais quando se leva em conta que a maioria do eleitorado é composto por mulheres. Uma questão que se levanta é sobre o motivo das mulheres não sentirem a confiança de votar em pessoas do mesmo sexo. Ainda, há o questionamento se a mídia tem alguma responsabilidade sobre esse cenário e de que forma as candidatas têm suas representações veiculadas: “A mídia historicamente tem caracterizado raças, gêneros, nacionalidades; que veiculadas pela classe dominante formam ideologias que congregam preconceitos e relações de poder” (Pizzinatto; Acevedo, 2010, p. 2). E são exatamente essas representações feitas pela mídia o tema da presente dissertação.

Diante desse contexto, o aspecto central estabelecido para o estudo é a representatividade das mulheres na política brasileira, tendo como objeto o recorte do último pleito eleitoral de 2022 ao cargo de presidência da república. O problema de pesquisa que guiará a presente dissertação é: quais repertórios interpretativos sobre a desigualdade política de gênero foram disseminados na versão online da Folha de S. Paulo na campanha à presidência da república de 2022?

1.1 Objetivos

Para responder ao problema de pesquisa, estabelecemos os seguintes objetivos:

a) Objetivo Geral

Explorar os repertórios interpretativos da Folha de S. Paulo sobre as mulheres candidatas à presidência da República nas eleições de 2022.

Para alcançar o objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

b) Objetivos Específicos

- 1) Identificar temáticas vinculadas a estereótipos atribuídos às mulheres;
- 2) Compreender o contexto sócioeconômico-político em que as eleições de 2022 ocorreram;
- 3) Identificar os padrões e similaridades nas imagens, metáforas e expressões utilizadas pela Folha de S. Paulo em relação às candidatas analisadas;
- 4) Analisar de que modo esses repertórios são utilizados, para quê e o contexto em que foram produzidos;
- 5) Adicionalmente, esta dissertação oferece, como produto tecnológico, um material didático com instruções para a produção de conteúdos que possibilitem a desconstrução e a ruptura das representações estereotipadas das mulheres.

1.5 Justificativa da pesquisa

A pesquisa possui relevância nos aspectos social, teórico e pessoal. Quanto à justificativa prática e social, a desigualdade, em seus diversos tipos, observada nos espaços de poder reflete diretamente na forma como as políticas públicas são desenvolvidas e, conseqüentemente, na qualidade de vida das brasileiras.

Com o intuito de reduzir essa desigualdade de gênero, a eleição de 2022 foi a primeira em que houve uma mudança em suas regras. A Emenda Constitucional 111 promoveu alterações nas regras eleitorais, que abrangeram modificações na organização das eleições, nos partidos, inclusive, na distribuição do fundo partidário. Dentre as modificações, está o incentivo a candidaturas femininas, fazendo com que os votos recebidos por mulheres tenham peso maior na divisão do fundo partidário e do fundo eleitoral (Agência Senado, 2022a, s. p.).

Apesar do avanço em comparação aos anos anteriores, a representatividade feminina ainda é pequena se considerada a superioridade no eleitorado. É notório que essa maioria feminina não escolhe mulheres para serem suas representantes nos cargos formais de poder e que a representação midiática pode contribuir para tal cenário.

Dessa maneira, os resultados desta pesquisa poderão contribuir para gestores e gestoras incluírem na sua agenda de políticas públicas ações que beneficiem as mulheres no alcance da igualdade na representação política, de modo que as reivindicações das mulheres sejam compreendidas e atendidas.

A justificativa teórica é potencializada pela discussão das teorias feministas em articulação com a desigualdade política, o que poderá estimular estudos mais potentes sobre

as bases que sustentam as barreiras enfrentadas pelas mulheres candidatas a posições políticas no Brasil.

Além disso, a presente dissertação também pode contribuir para o alcance de uma das metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU). A iniciativa tem o intuito de especificar os desafios enfrentados não só pela população brasileira, mas também em todo o mundo, e a igualdade de gênero é um dos obstáculos a serem superados para que se consiga atingir um ambiente de paz e próspero para todos.

A justificativa pessoal parte do princípio básico de que, além de mulher, que também já sentiu na pele e em meu cotidiano o machismo presente na sociedade, me considero sujeita social que pode, de certa forma, contribuir para a mudança desse cenário. Quando mais nova, recebia diversos questionamentos sobre a minha competência enquanto profissional. Em 2022, quando engravidei, ouvi questionamentos sobre a conciliação entre maternidade e trabalho e assisti à redução da minha figura apenas ao papel de mãe. Eu e todas as mulheres somos muito mais que mães e suas representações.

Também em 2022, tive a oportunidade de trabalhar na campanha política de uma candidata a deputada federal e ficou muito clara a diferença com que homens e mulheres são tratados. Percebi que a aparência física, a roupa que a candidata vestia ou com quem ela é casada era uma questão mais importante do que a sua própria competência para pleitear ao cargo público. Além disso, essa candidata tinha seus feitos sempre questionados como se não fosse capaz e estivesse na “sombra” de uma outra pessoa, de um homem. Já com os candidatos do sexo masculino, o tratamento e a credibilidade eram nitidamente distintos. Essa dissertação surge do desejo profundo de ir além das aparências e fazer uma análise profunda sobre o que é dito nas entrelinhas de uma notícia.

Enxergo esta dissertação como mais uma tentativa para auxiliar no combate ao machismo e na discriminação sofrida pelas mulheres. A mídia tem o poder de alcançar e influenciar milhões de pessoas e percebo que ainda há uma necessidade clara para que as mulheres sejam representadas de maneira adequada.

1.3 Estrutura da dissertação

A dissertação está estruturada em cinco seções. A primeira parte é composta pela introdução, em que é feita a contextualização e a delimitação do tema, a apresentação do

problema de pesquisa, dos objetivos gerais e específicos. Ainda na introdução, são explicadas as justificativas que esclarecem a realização do estudo e a estrutura do trabalho.

A segunda seção consiste no embasamento teórico utilizado para a realização da dissertação. Em um primeiro momento, foram abordadas as teorias feministas e a discussão de gênero como categoria analítica. Posteriormente, foram apresentados estudos já realizados sobre a temática, evidenciando os estereótipos que são atribuídos às candidatas à presidência, mulheres na gestão pública e de que forma a mídia atua como disseminadora de tais representações.

A próxima parte consiste na descrição dos procedimentos metodológicos necessários para responder ao problema de pesquisa e são especificadas as técnicas utilizadas para que os objetivos gerais e específicos propostos sejam atendidos.

A quarta seção contém a análise dos objetos de estudo e são mostrados os resultados da pesquisa. Em seguida, são apresentadas as considerações finais, ressaltando os objetivos alcançados, assim como suas contribuições e limitações.

Para finalizar, o apêndice apresenta o material didático com instruções práticas e efetivas para a elaboração dos conteúdos que detalham como a representação das mulheres na mídia pode ser feita de maneira mais igualitária, justa e desconstruindo estereótipos.

2. ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE MULHERES

Para responder ao problema de pesquisa proposto e garantir que os objetivos estabelecidos sejam atendidos, realizamos um levantamento teórico-empírico sobre conceitos que serão fundamentais para o desenvolvimento da presente dissertação. Sendo assim, nesta seção, abordamos as concepções e as perspectivas sobre teorias feministas, gênero como categoria analítica, estereótipos atribuídos às mulheres, mídia como disseminadora das representações e desigualdade de gênero na política.

Optamos pela abordagem interpretativa, visto que o foco do estudo é “o reconhecimento básico dos processos interpretativos e cognitivos inerentes à vida social” (Cassiani; Caliri; Pelá, 1996, p. 76). Para Smith (2011), a abordagem interpretativa prioriza o entendimento subjetivo dos indivíduos, a base dos dados são os significados, e seu intuito é compreender e descobrir os significados e crenças implícitas nos outros.

Neste caso, o elemento central são “os significados de objetivos, meios ou condições de uma ação, atribuídos pelos atores sociais aos objetos de orientação que identificam em uma dada situação, ambiente ou contexto” (Ferreira, 2007, p. 31).

2.1 Teorias feministas: abordagens teóricas

Em pleno 2023, não é estranho afirmar que ainda se vive em uma sociedade patriarcal, que é “aquela na qual os valores masculinos se tornaram dominantes” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 78). E, apesar dos avanços, ainda pode-se afirmar que “a segregação sexual nos empregos e organizações persiste como um fenômeno mundial, assim como a desigualdade remuneratória entre os sexos” (Calás; Smircich, 1999, p. 275). É nesse sentido que o movimento feminista surge para combater a cultura dominante e para fazer “um trabalho de conscientização e crítica da forma como a imagem da mulher vem sendo abordada” (Cruz, 2008, p. 6).

A conscientização e crítica aos discursos dominantes são potencializados pela ação feminista, que consiste em “em avaliar criticamente os discursos construtores de uma teia de significados, de uma visão de mundo socialmente construída que historicamente tem excluído e estigmatizado as mulheres [...] Sabemos que toda relação social e toda prática é um locus de reprodução tanto quanto um locus de mudança” (Cruz, 2008, p. 13). O discurso dominante é veiculado pela mídia, que apesar de incorporar elementos da realidade, “pode modular, redimensionar, e recriar essa mesma realidade” (Cruz, 2008, p. 13).

Quando se fala em pensamento feminista, existem várias abordagens e a maior parte delas traz “o reconhecimento da dominação masculina nos arranjos sociais e o desejo de mudanças nessa forma de dominação (Calás; Smircich, 1999, p. 276). Não existe um único feminismo, “existem diversos feminismos e com diferentes postulados teóricos e políticos” (Araya Umaña, 2015, s. p.).

Calás e Smircich (1999) apresentam as principais teorias, sendo a primeira delas a teoria feminista liberal, que foi desenvolvida entre os séculos XVII e XVIII e tinha como preocupação provar que as mulheres eram tão humanas quanto os homens. Naquele momento, “as mulheres não votavam, não podiam ter propriedades em seu nome e, com a transição de uma forma de produção econômica centrada no lar para uma economia industrial, foram gradativamente se tornando mais isoladas e dependentes economicamente” (p. 280).

Já nos anos 1960, a segunda onda do movimento feminista visava garantir para as mulheres a igualdade de acesso e representação da vida pública (Calás; Smircich, 1999, p. 280). O objetivo era a equidade sexual ou a justiça de gênero, já que tanto os homens como as mulheres eram prejudicados pelos atos e comportamentos que a sociedade julgava ser ideal para cada um deles. Na primeira corrente, postula-se que os estereótipos sexuais prejudicam as mulheres, portanto, questiona “a validade desses estereótipos e exige que as mulheres passem a ser julgadas com base em seus méritos” (Calás; Smircich, 1999, p. 280). E a segunda corrente supõe “haver considerável similaridade entre homens e mulheres em virtude das condições estruturais que aprisionam ambos os sexos e que a solução é acabar com os efeitos do gênero (Calás; Smircich, 1999, p. 280).

A segunda teoria é a feminista radical e possui esse nome por ser centrada nas mulheres, visando uma nova ordem social onde elas não sejam subordinadas aos homens e, também, enfatizando as qualidades das mulheres, como, por exemplo, a sensibilidade. Essa abordagem, para uma nova ordem social, “cruza a sexualidade com relações de poder. Propõe arranjos sociais, políticos, econômicos e culturais alternativos, frequentemente separatistas, que desafiam os valores da cultura dominada pelo masculino” (Calás; Smircich, 1999, p. 287).

Nessa linha de pensamento, todas as desigualdades entre homens e mulheres, como, por exemplo, não conseguir uma promoção ou sofrer assédio sexual, são frutos dos privilégios do gênero masculino em uma sociedade em que eles definem as normas. Gênero é entendido como “um sistema de dominação masculina, um princípio fundamental que organiza a sociedade patriarcal e que está na origem de todos os outros sistemas de opressão” (Calás; Smircich, 1999, p. 286).

O feminismo radical teve origem nos anos 1960 e “desenvolveu uma perspectiva ampla e fluida, exigindo não apenas a transformação das estruturas legais e políticas que sustentam o regime patriarcal, mas também das instituições culturais e sociais, tais como família, igreja, academia e mesmo linguagem” (Calás; Smircich, 1999, p. 286). E a forma mais adequada para mudar essa situação e possibilitar às mulheres a chance de questionar as experiências sob a perspectiva da dominação masculina sistêmica é a “elevação dos níveis de consciência” (Calás; Smircich, 1999, p. 286).

A próxima abordagem citada pelas pesquisadoras é a teoria feminista psicanalítica, que dá “ênfase na compreensão da pessoa em sua totalidade e de seu modo de se relacionar com seu mundo” (Calás; Smircich, 1999, p. 291). Essa teoria “considera que arranjos sociais específicos (como a família patriarcal) levam a distinções no desenvolvimento psicológico feminino e masculino, o que pode ser alterado pela mudança das condições estruturais que produzem o desenvolvimento desigual de gênero” (Calás; Smircich, 1999, p. 291).

Diferentemente da literatura feminista liberal, que enfatiza uma “reinvenção instantânea” das mulheres, do tipo “vestida para o sucesso” ou treinamento assertivo, essa literatura vê o desenvolvimento psicossocial tanto como uma questão pessoal como social, com raízes culturais e históricas” (Calás; Smircich, 1999, p. 293).

Já na teoria feminista marxista, o modo capitalista de produção e a luta de classes são os aspectos centrais. Dessa forma, existe uma crítica ao capitalismo e ao liberalismo político. “Em contraste com a teoria política liberal, que vê os seres humanos como seres racionais e autônomos, o marxismo apresenta o materialismo histórico como determinante (ou condicionante) da natureza humana” (Calás; Smircich, 1999, p. 294).

Sob essa perspectiva, “poder e sexualidade estão entrelaçados nas relações de trabalho. O feminismo marxista não é apenas crítico do feminismo liberal por sua concepção errônea da natureza humana e por seu entendimento inadequado dos processos de trabalho, mas também por sua cegueira do patriarcado” (Calás; Smircich, 1999, p. 295). Por isso, o feminismo marxista inclui gênero às suas preocupações analíticas e “embora exista uma hierarquia entre os homens, materializado na estrutura de classes, os homens (como grupo) dominam e controlam as mulheres (como grupo) por meio de uma estrutura/sistema de gênero (Calás; Smircich, 1999, p. 295).

Como o foco é a organização capitalista e patriarcal da economia e da sociedade, o feminismo marxista defende “que as desigualdades de gênero persistem e persistirão se não ocorrerem grandes mudanças estruturais” (Calás; Smircich, 1999, p. 295).

A próxima teoria é resultado da “insatisfação de feministas marxistas com a cegueira da questão de gênero e sua tendência a considerar a opressão feminina como não sendo tão importante quanto a opressão dos trabalhadores” (Calás; Smircich, 1999, p. 295). Trata-se da teoria feminista socialista, que considera o capitalismo e o patriarcado como fenômenos separados, mas que se conectam e se relacionam mútua e dialeticamente.

Por fim, tem-se as teorias feministas pós-estruturalistas / pós-modernas, que “ênfatiza a complexidade das relações sociais, requerendo mais que “gênero” como uma categoria para a crítica efetiva” (Calás; Smircich, 1999, p. 302).

Os feminismo pós-modernos/pós-estruturalistas permitem intersecções mais complexas de gênero e outras categorias sociais, que tanto desconstruem posições analíticas tradicionais (por exemplo, mulheres e opressão feminina como categorias unitárias) quanto abrem espaço para diferentes engajamentos políticos que reconhecem relações assimétricas de poder entre aqueles que pretendem ser o “mesmo” (Calás; Smircich, 1999, p. 303).

O debate feminista no Brasil teve seus primeiros passos no início do século XX, após uma viagem da Dra. Bertha Lutz a Londres antes da I Guerra Mundial, quando o feminismo inglês passava por uma de suas fases mais violentas. Através da imprensa e da tribuna, em 1918 Bertha retornou ao Brasil e tornou-se uma pregadora da emancipação da mulher. No ano seguinte, ela e Olga de Paiva Meira assumiram a liderança do movimento feminista brasileiro no Conselho Feminino Internacional da Organização Internacional do Trabalho. Na primeira conferência do conselho foram aprovados alguns princípios como: “o de salário igual, sem distinção de sexo, para o mesmo trabalho; e a obrigação de cada Estado organizar um serviço de inspeção, incluindo mulheres, a fim de assegurar a aplicação das leis e regulamentos para a proteção dos trabalhadores” (Saffioti, 1979, p. 145).

Saffioti (1979, p. 159) acrescenta que, apesar da boa intenção, o feminismo não teve ampla penetração na sociedade brasileira, mas “constituiu verdadeiro marco na história de vida de grande número de mulheres urbanas pertencentes a duas gerações, conquistando, para a mulher, direitos que lhe eram indebitamente negados enquanto personalidade humana”. Contudo, para a grande parcela das mulheres brasileiras, parte desses direitos continuam sendo abstratos, pois estes direitos eliminam os obstáculos legais e estão sempre em atualização para permitir que as mulheres entrem em outros espaços.

Sendo assim, o alcance “dos direitos políticos e civis para a mulher, entretanto, envolve, se vista de outro ângulo, reações societárias nas quais é preciso descobrir e separar aquilo que significa realmente uma aceitação dos novos papéis femininos” (Saffioti, 1979, p. 160).

Mais de 40 anos se passaram desde que Saffioti escreveu seu livro e, ainda que as mulheres tenham ocupado espaços que até aquele momento não eram acessíveis, alterações extremamente relevantes para o existir feminino aconteceram há pouco tempo. Faz apenas 20 anos que o Código Civil Brasileiro, que vigorava desde 1916, retirou dispositivos considerados machistas: “a palavra “homem” foi substituída pela palavra “pessoa” [...] Além do fim do direito do homem de mover ação para anular o casamento se descobrir que a mulher não é virgem e ainda a separação após um ano da realização do casamento” (Gonzales, 2018, p. 8).

Entretanto, a política continua sendo uma esfera em que a presença feminina é reduzida: “As instituições, sob uma perspectiva feminista, reproduzem as hierarquias de gênero ensejadas na concepção da masculinidade hegemônica, constituindo, assim, desigualdades de poder que privilegiam os homens” (Lenine; Sanca, 2022, p. 105). A baixa representação feminina nos espaços formais de poder precisa ser alterada e isso depende de uma profunda mudança na estrutura da sociedade, o que demanda uma compreensão de gênero para além da sua noção binária. Na próxima seção abordamos como o gênero é utilizado como uma categoria analítica para representar as mulheres.

2.2 Gênero como categoria analítica

Para iniciar a discussão considerando gênero como uma categoria analítica, é fundamental ressaltar a diferença entre o termo gênero e sexo. O último diz respeito ao biológico, é “a identidade biológica de uma pessoa e é usado para significar o facto de se ser macho ou fêmea” (Andersen, 1997, p. 20). Já gênero trata-se de uma construção social, “produto da socialização e vivência” (Calás; Smircich, 1999, p. 276).

O gênero é quotidianamente reproduzido na interação do dia-a-dia, não se afirmando a identidade sexual adquirida como algo produzido individualmente, mas antes criado e reproduzido na interação social, e existindo apenas na medida em que os actores agem em conformidade com as relações de gênero culturalmente partilhadas (Mota-Ribeiro, 2005, p. 21).

É uma unanimidade entre os pesquisadores da área: o conceito de gênero é algo construído culturalmente, “é dimensionado como um processo histórico que diferentes grupos configuram ao se relacionarem para acessar tudo o que consideram necessários: prestígio, poder, privilégios sexuais, compensação econômica, entre outros” (Araya Umaña, 2015, s. p.).

Sendo assim, a questão do gênero “tem que ser apreendida e interiorizada pelas mulheres. Fundamentado nas instituições sociais (Estado, escola, Igreja, família), o gênero é transmitido, construído e sedimentado através da aprendizagem social e cristalizado em

papéis considerados adequados para cada um dos sexos” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 17). Esse papel diz respeito a um conjunto de comportamentos ou atividades que são considerados mais apropriados para as pessoas de um sexo do que para o outro. Por exemplo, até o século passado, trabalhar fora de casa era uma atividade adequada apenas para os homens e uma mulher que quebrasse tal regra não estaria se comportando conforme as normas consideradas ideais para o seu gênero.

A teorização de gênero foi feita a partir de referências tradicionais das ciências sociais e “utilizando formulações há muito estabelecidas e baseadas em explicações causais universais” (Scott, 1995, p. 74), fazendo com que essas teorias tenham um caráter limitado e com a tendência de “incluir generalizações redutivas ou demasiadamente simples” (Scott, 1995, p. 74). A compreensão de todo o processo histórico, assim como suas causas, é algo complexo e as ações feministas que buscam a mudança desse cenário também.

Scott (1995) ressalta que o termo gênero já foi utilizado de diversas formas ao longo da história. Nos anos 1980, por exemplo, foi usado para trazer uma espécie de legitimidade acadêmica para os estudos feministas já que “gênero” era sinônimo de “mulheres”. “Enquanto o termo "história das mulheres" proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo "gênero" inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça” (Scott, 1995, p. 75).

Gênero então “faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens” (Scott, 1995, p. 85). Diante de tantas utilizações e significados, a definição de gênero tem duas partes, diversos subconjuntos a partir de uma “conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86).

Sendo assim, “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações do poder, mas a mudança não é unidirecional” (Scott, 1995, p. 86). Como gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, há quatro elementos que o compõem: “os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias) - Eva e Maria como símbolos da mulher, por exemplo, na tradição cristã ocidental” (Scott, 1995, p. 86). O segundo elemento são os conceitos normativos que determinam de maneira categórica e inequívoca o significado de homem,

mulher, masculino e feminino. Além disso, os conceitos normativos “expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa” (Scott, 1995, p. 86).

Já o terceiro aspecto seria uma concepção de política e uma referência às instituições e à organização social enquanto o quarto é a identidade subjetiva. O gênero seria, então, “uma forma primária de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (Scott, 1995, p. 88).

Sendo assim, a utilização de gênero como categoria analítica “requer a análise do poder a partir das grandes determinações econômicas, sociais e políticas, sem perder de vista a particularidade dessas determinações segundo as múltiplas e variadas intersecções da realidade social, que é vasta e variada” (Araya Umaña, 2015, s. p.).

A riqueza e o dinamismo do gênero como categoria analítica, portanto, reside no fato de ter permitido desmascarar o papel ideologizante de crenças compartilhadas que contribuem para a desigualdade e desvalorização da mulher e de tudo que se relaciona ao feminino. Seu uso remete ao mundo complexo do social, pois é nessa esfera, a partir dos corpos sexuados, que a diferenciação tem seu fundamento e justificativa. Assim, não se concentra apenas nas relações sociais entre mulheres e homens, mas também entre as próprias mulheres e entre os homens (Araya Umaña, 2015, s. p.).

E a dificuldade de mudança dessa realidade não é exclusivamente dos homens, que muitas vezes são os detentores do poder. Mas há uma resistência das próprias mulheres, que podem ter dificuldade em enxergar as diferenças e desigualdades existentes (sentimento de negação) e trazendo também a sensação de que nada pode ser feito. Tal situação é fruto “de uma ordem simbólica que, por meio de diversos mecanismos ideológicos, naturaliza as relações assimétricas e desiguais, conferindo-lhes um caráter imutável e transcendental dos próprios agentes que as produzem” (Araya Umaña, 2015, s. p.).

Uma categoria analítica é um mecanismo heurístico que desempenha funções positivas e negativas. Afirma-se que gênero é uma categoria analítica, pois como heurística positiva fornece um quadro conceitual que permite formular novos aspectos do conhecimento e seu caráter androcêntrico ao oferecer conceitos, definições e hipóteses que orientam um processo de pesquisa. A partir da noção de heurística negativa, ou seja, do conjunto compartilhado de pressupostos que são centrais e, portanto, não podem ser descartados, a heurística negativa do gênero é a refutação; a rejeição da naturalização das desigualdades com base nas diferenças anatômicas (Hawkesworth, 1999, p. 11).

O gênero, então, legitima e constrói as relações sociais. Entender isso significa “compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares e contextualmente específicas pelas quais a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. A política é apenas uma das áreas na qual o gênero pode ser utilizado para análise histórica” (Scott, 1995, p. 89). O termo é um “um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana” (Scott, 1995, p. 89).

Em acordo com essa perspectiva, esta dissertação utilizará o conceito de gênero como categoria analítica para identificar os repertórios interpretativos com as representações atribuídas às mulheres que foram candidatas à presidência do Brasil em 2022. O intuito é ir além do significado primário dos textos e olhar por uma ótica mais complexa e múltipla, considerando que a forma como os textos foram escritos são frutos de uma cultura machista enraizada, o que afeta, inclusive, o cenário político nacional e a participação feminina nos espaços formais de poder.

Diante do exposto, é razoável dizer que a ausência de mulheres nos espaços formais da política é sim uma das consequências da cultura de gênero construída ao longo dos anos e da produção e reprodução de estereótipos, o que abordamos na seção seguinte.

2.3 Estereótipos atribuídos às mulheres

Muito se ouve falar em estereótipo, mas ainda surgem dúvidas quanto ao significado. De acordo com o dicionário Houaiss (2005), seria uma “concepção baseada em ideias preconcebidas sobre algo ou alguém, sem o seu conhecimento real, geralmente de cunho preconceituoso ou repleta de afirmações gerais e inverdades”. O dicionário também define o termo como um “padrão estabelecido pelo senso comum e baseado na ausência de conhecimento sobre o assunto em questão”.

A própria definição do termo mostra uma conotação negativa e, ao longo das décadas, as mulheres foram classificadas com inúmeros estereótipos, que na grande maioria das vezes tem o intuito de degradar ou reduzir a imagem delas. São “crenças socialmente compartilhadas a respeito de determinados entes sociais, que se fundamentam em teorias causais ou intencionais a respeito dos comportamentos e ações dos indivíduos neles adscritos” (Pereira, 2019, p. 89-90).

Os estereótipos seriam, assim, produtos sociais. “Os discursos não nascem diretamente do mundo, nem dos sujeitos. Mesmo quando refletem traços do mundo e “representações”

(portanto, individuais) dos sujeitos, eles o fazem apelando a uma memória” (Possenti, 2007, p. 82). A discussão sobre a identidade feminina deve ser feita no plural, já que são inúmeras as suas representações, de subjetividade ou de subjetivação.

Quanto à origem dos estereótipos femininos, Eva é a primeira representação de mulher retratada e está presente na Bíblia. Eva e Adão viviam felizes no paraíso até que ela “sucumbe à tentação da serpente, comendo a maçã e oferecendo a Adão. O seu acto pôs fim à existência paradisíaca e abriu caminho aos problemas humanos e à mortalidade” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 25). Nessa passagem bíblica, toda a responsabilidade é atribuída a Eva e ela é a grande culpada e até mesmo a ordem de criação coloca a mulher em uma posição inferior à do homem.

A ordem da Criação, primeiro Adão e depois Eva, é central nos argumentos teológicos que legitimam uma construção social onde a mulher aparece sempre depois do homem e em função das suas necessidades. O segundo argumento teológico justificador da hierarquia sexual é a culpa de Eva pelo Pecado Original. Difunde-se não só a ideia de que a mulher não reflecte a imagem de Deus na mesma medida que o homem (é um produto derivado e criado depois), mas também a de que terá perdido a sua imagem divina como resultado do Pecado Original. O argumento da ordem da Criação face a subordinação feminina é suplantado pelo da mulher como originadora do pecado. Fundamental é, portanto, o facto de Eva ter sucumbido as tentações da serpente, comendo o fruto proibido e oferecendo-o a Adão (Mota-Ribeiro, 2005, p. 26).

Para Mota-Ribeiro (2005), o comportamento atribuído à Eva é até hoje conferido para as mulheres em geral. Seguindo a tradição católica, tem-se a figura de outra mulher com características completamente opostas à de Eva: Maria tem um vínculo próximo com o divino e é cheia de virtudes, já que ela foi a escolhida para gerar o filho de Deus. Até mesmo a denominação “Virgem Maria” já mostra a relevância que a vida sexual feminina possui. Contudo, Maria “é um modelo do qual as mulheres se devem aproximar, mas isso afigura-se praticamente impossível [...] Um modelo inatingível para qualquer ser humano do gênero feminino, uma vez que não é possível ser simultaneamente virgem e mãe” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 27).

Sendo assim, existem “essencialmente três figuras do ideal feminino católico: a mulher como mãe, como esposa e como virgem” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 27). Seguindo adiante nas representações históricas, chega-se à sociedade medieval, caracterizada por ser extremamente patriarcal onde “os homens ocupavam uma posição social privilegiada de supremacia masculina, a posição destinada às mulheres era de passividade e submissão aos homens, pai, marido, irmãos, etc.” (Chagas; Chagas, 2017, p. 3). A igreja teve forte influência na sociedade medieval, pois era ela quem construiu “uma moral que definia as posições

sociais de gênero [...] as mulheres eram retratadas como seres inferiores, muitas vezes mortas por não seguirem a imposição social da “obediência” aos homens” (Chagas; Chagas, 2017, p. 3).

Com o passar dos anos, outros papéis passaram a ser atribuídos às mulheres e isso não aconteceu por um desejo genuíno de igualdade, mas devido às “necessidades sociais de cada tempo” (Godoy; Costa, 2017, p. 161). A idade moderna trouxe grandes mudanças para as mulheres. Com “o desenvolvimento do sistema capitalista e a chegada da revolução industrial no século XVIII na Inglaterra, houve a exigência de aumento da mão de obra e, nessa ocasião, mulheres e crianças foram recrutadas para trabalhar nas indústrias (Chagas; Chagas, 2017, p. 4).

Foi a partir desse momento que a compreensão do sujeito feminino perante a sociedade foi alterada, já que a mulher “assume atribuições e desempenha papéis conforme as necessidades e exigências de uma dada organização social, a partir de concepções vinculadas à classe dirigente inserida na relação sociedade – civilização – economia (Godoy; Costa 2017, p. 158).

Entre os séculos XVII e XIX, as representações das mulheres se baseavam nas necessidades econômicas e sociais, “tendo pouco a ver com a questão sexual, no sentido de gênero. As diferenças entre os sexos existiam e existem, mas a questão da imagem de cada sexo não pode se restringir as construções pautadas na diferença sexual em um sentido pejorativo que desclassifique a mulher” (Godoy; Costa 2017, p. 166).

Esse discurso ou imagem negativada das mulheres, possivelmente, foi construído a posteriori do momento em que se estabeleceu a divisão de papéis. Ou ainda, foi construído como um mecanismo para procrastinar a situação feminina nesse contexto a fim de se obter uma margem de segurança na consolidação daquela organização social tão carente de divisão de tarefas e estratificação social para sua sobrevivência, sobretudo, econômica” (Godoy; Costa 2017, p. 166).

Para Toledo (2001) e Biroli (2016), a posição das mulheres na sociedade está diretamente relacionada com as necessidades do sistema capitalista de produção. Antes da revolução industrial, a discriminação e a desvalorização das mulheres aconteciam devido ao “confinamento às tarefas do lar, a remuneração inexistente, a maternidade como fator excludente nos processos de competitividade” (Gonzales, 2018, p. 4). Contudo, as mulheres que ocupavam as camadas sociais mais baixas nunca foram alheias ao trabalho e sempre contribuíram “para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias

pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa” (Saffioti, 1979, p. 17).

Mesmo ocupando um papel de fundamental importância na economia da família, “a mulher sempre foi considerada menor e incapaz, necessitando da tutela de um homem, marido ou não” (Saffioti, 1979, p. 17). Nas funções ligadas à produção de bens e serviços, as mulheres trabalhavam “nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia e fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas” (Saffioti, 1979, p. 17).

O século XIX, sem dúvida alguma, trouxe inúmeras mudanças à vida das mulheres e elas “começaram a assumir - se como sujeito, indivíduo, dona de suas vontades e capazes de realizarem suas próprias escolhas” (Godoy; Costa, 2017, p. 168). “É possível identificar que a entrada no mercado de trabalho, o acesso aos bens e à valorização do papel da mulher na sociedade como um todo são indicativos das sensíveis mudanças que vêm atingindo pouco a pouco o universo feminino” (Gonzales, 2018, p. 4).

Foi nesse momento da história que os direitos femininos passaram a fazer parte do cenário social europeu e que aconteceram importantes alterações que tiveram influência na contemporaneidade, “efeitos como: a incorporação ao mercado de trabalho fora do espaço doméstico, a autonomia civil, o direito à instrução, o nascimento dos feminismos” (Godoy; Costa, 2017, p. 164-165).

Porém, os avanços não eram universais e muito menos uma realidade para todas as mulheres, “era apenas para aquelas de origem burguesa ou aristocrática. Isto é, para aquelas que possuíam recursos econômicos suficientes para impor sua vontade, afrontando a reprovação social” (Godoy; Costa, 2017, p. 165).

No Brasil, a maioria das mudanças passou a acontecer um pouco mais tarde, já no século XX e uma das mais marcantes diz respeito ao direito do voto: “Em 1932, a mulher poderia votar desde que autorizadas pelo marido ou com renda própria. Em 1934, a constituição eliminou as restrições ao voto feminino” (Gonzalez, 2018, p. 7). Já na década de 1960, o acesso à pílula anticoncepcional foi fundamental para o planejamento familiar, redução no número de filhos e investimento na formação profissional. Ou seja, tais avanços foram essenciais para permitirem alteração no campo profissional e no pessoal também. Com esses avanços, os casamentos passaram a ocorrer “mais tarde, os filhos são menos numerosos, multiplicam-se as creches, o sistema de educação infantil recebe crianças cada vez mais jovens, os divórcios e as separações aumentam” (Possenti, 2007, p. 67 - 68)

Como explanado, as representações femininas foram alteradas ao longo do tempo, mas está longe de ser a ideal ou justa. “É inegável que as mulheres têm à sua disposição uma diversidade de modelos do feminino que já não se limitam aos modelos ancestrais ou ao modelo da mãe, esposa e dona de casa, mas que avançam no sentido de uma maior independência do feminino” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 32). Entretanto, Pereira (2008) afirma que “sempre existiu uma hierarquia entre os géneros, marcada principalmente pela divisão sexual do trabalho, com as mulheres a terem um papel menor” (p. 893).

As transformações acerca das mulheres e de seu papel aconteceram no campo político, social, cultural e tais modificações “oferecem as mulheres a possibilidade de identificação com e de interiorização de modelos do feminino, pelo menos aparentemente, novos, como sejam o da mulher trabalhadora, o da mulher ativa politicamente, o da mulher emancipada sexualmente etc (Mota-Ribeiro, 2005, p. 28-29).

Apesar dos inúmeros papéis atribuídos às mulheres em todas as áreas, os estereótipos, que reduzem sua individualidade, continuam sendo disseminados e as representações sociais seguem sendo baseadas no senso comum. “No amor, na sexualidade, no trabalho, na maternidade e nos papéis domésticos, as mudanças surgem no sentido de alterar o estatuto social das mulheres, ainda que as assimetrias permaneçam” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 29).

Para Mota-Ribeiro (2005), as representações sociais dizem respeito a uma ideia do feminino. Já estereótipos são relativos a um grupo e ambos se relacionam intrinsecamente. As representações sociais do feminino são:

Um conjunto de crenças, de ideias partilhadas, de valores relativos ao feminino, que não apenas servem como simplificações úteis para lidar com a complexidade e diversidade do universo feminino (do que é ser mulher), mas que também, e acima de tudo, podem funcionar como formas de criação de uma espécie de feminilidade hegemônica, de uma imagem mantida de feminino, por relação à qual mulheres e homens actuam e vivem, reforçando uma ideologia dominante (Mota-Ribeiro, 2005, p. 23).

Gonzalez (2018) ressalta que “as representações sociais atuam como elemento de mediação entre o homem e o mundo e são parte do processo de assimilação da realidade pelo indivíduo” (p. 10). Dessa forma, as representações são construídas pela sociedade através do senso comum, da educação, da família, da mídia e desde a infância com os ideais e valores atribuídos a mulheres e homens.

Cruz (2008, p. 3) reitera que tais representações são produzidas e partilhadas dentro de um contexto histórico específico, ou seja, elas sofrem alterações com o tempo e acompanham

o desenvolvimento da sociedade. “São constituídas a partir da experiência, das informações, dos saberes e dos modelos de pensamento recebidos, transmitidos e construídos”.

A ideia de identidade feminina é socialmente construída e firmada através do processo de socialização, ou seja, a identidade não é uma essência, mas sim uma construção cultural. “São criadas tendo por base representações partilhadas e estereótipos, e têm como resultado comportamentos das mulheres e representações de si que vão de encontro e reforçam aquelas representações e estereótipos” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 24). Já que sua concepção é fruto da cultura e do social, existiria, então a possibilidade de a identidade feminina ser construída de outra forma (Mota-Ribeiro, 2005).

A mídia tem uma atuação relevante na popularização das representações construídas pela sociedade e na criação do senso comum porque está presente no cotidiano das pessoas. “As práticas discursivas produzidas pela mídia, são formas simbólicas, que veiculam noções existentes na sociedade, reproduzindo crenças, valores e identidades sociais, retratando alterações históricas, e contribuindo para a perpetuação ou transformação” (Cruz, 2008, p. 5).

Essas representações são estabelecidas como realidade através das instituições como a mídia, o Estado, a Escola, dentre outras. À proporção que associam comportamentos, valores, atitudes a um ou a outro gênero, as representações midiáticas ajudam, a formular o que reconhecemos como feminilidade e masculinidade, estando imbuídas, portanto as relações de poder entre os gêneros (Cruz, 2008, p.4).

Em pleno século XXI, o corpo, assim como a aparência física das mulheres, seguem sendo pautados e utilizados nas representações propagadas. “O corpo, tal como a beleza a ele associada, desempenha um papel fundamental nas representações sociais do feminino e no modo de pensar a mulher [...] As mulheres são normalmente associadas ao corpo e os homens ao espírito” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 43).

E os estereótipos sobre o corpo feminino estão presentes em todos os lugares. A sociedade produz “representações visuais do feminino (no cinema, na televisão, nas artes visuais, na fotografia, na publicidade, etc.), que são elas próprias reflexo e resultado das representações sociais do que é o feminino, de uma ideia socialmente enraizada relativa à feminilidade” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 9).

Por se tratar de construções sociais enraizadas culturalmente desde o nascimento, Pereira (2019) alega que não tem como evitar o uso de estereótipos no dia-dia. “Eles seriam, por assim dizer, inexoráveis e, como tais, dificilmente vão deixar de estar presentes nos nossos afazeres, sejamos professores, médicos ou balconistas” (Pereira, 2019, p. 87).

Decerto, se temos dificuldades em reconhecer que fazemos o uso de estereótipos, isso é uma consequência da segunda função assinalada para os estereótipos, a de que eles oferecem legitimidade aos arranjos sociais injustos. Os estereótipos contribuem para a naturalização dos sexismos, ajudam a justificar os racismos e a fomentar a xenofobia [...] Logo, não fica bem admitir que fazemos o uso de estereótipos na nossa vida pessoal, nas nossas atividades laborais e mesmo nos momentos de lazer ou fruição estética (Pereira, 2019 p. 88).

Uma questão relevante para essa discussão é sobre as possibilidades de desconstrução dos estereótipos, que estaria na concepção de uma narrativa em que a perspectiva de mudança tenha um papel decisivo. “A aprendizagem de novas rotinas, a mudança de contextos históricos, geográficos ou culturais e a ruptura com o estabelecido são elementos que introduzem novas possibilidades narrativas, que bem exploradas permitem a elaboração de conteúdos não estereotipados” (Pereira, 2019, p. 104).

No caso das mulheres, uma narrativa contra estereotípica seria voltada “para a obtenção de uma formação especializada ou para atingir um determinado status profissional” para “servir de contraponto às narrativas estereotipadas que as apresentam como objetos sexuais” (Pereira, 2019, p. 100). Todavia, essa narrativa deve ser “conduzida com cuidado, sob pena de apresentar subtipos que apenas confirmam os estereótipos gerais da categoria” (Pereira, 2019, p. 100). Nesse sentido, Mota-Ribeiro (2005) faz um importante alerta: imagens realistas podem não contribuir para o fim, ou pelo menos, para a redução dos estereótipos: “Substituir as imagens estereotipificadas das mulheres por imagens das mesmas como donas de casa, como trabalhadoras com salários inferiores aos dos homens como vítimas de violência e violação pode ser mais realista” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 77), mas não contribuem para o fim da opressão. Diante disso, para que haja a quebra de estereótipos as imagens realistas não são as mais adequadas, necessita-se de imagens “mais positivas das mulheres, mostrando o que elas podem fazer ou ser, de modo a que aquelas possam funcionar como modelos libertadores” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 77).

O assunto é amplo e muitas conquistas foram alcançadas, mas o cenário ideal está longe de ser alcançado. “É na confluência desta diversidade de modelos que se joga nos nossos dias a questão do que significa ser mulher, do que é a identidade feminina e do que se entendem como traços especificamente femininos nas sociedades ocidentais” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 32). E a próxima seção irá abordar de que forma a mídia dissemina as representações das mulheres.

2.4 Mídia como disseminadora de tais representações

A comunicação faz parte da vida de todos os seres vivos e é fundamental para a interação social e, conseqüentemente, para o compartilhamento de informações e da cultura. Ela tem um “papel fundamental nas trocas e interações que contribuem para a instituição de um universo consensual” (Jodelet, 2001, p. 12). Já os meios de comunicação têm o poder de alcançar uma infinidade de pessoas com a mensagem que ele propaga, seja ela positiva ou negativa. Nesse sentido, será que a mídia teria, então, o poder de disseminar os estereótipos negativos das mulheres? E se ela tem esse poder, por qual razão não poderia também auxiliar na desconstrução e ruptura de tais representações?

De acordo com Mota-Ribeiro (2005), é através das mensagens transmitidas, que posteriormente serão interpretadas e dotadas de sentido pelas pessoas, que acontece a interação social da comunicação. Sendo assim, os meios de comunicação são parte fundamental na “divulgação de representações sociais e estereótipos acerca do feminino [...] Diferentes, e muitas vezes contraditórios, modelos de mulher são transmitidos nos vários *media* (desde os artigos que lemos num diário, até aos outdoors, passando pelo design gráfico e pela fotografia)” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 49-50).

A relevância dos meios está no fato de que todas as mensagens transmitidas “contribuem para a criação de um imaginário social relativo ao feminino, indo mais ou menos de encontro às representações mais hegemônicas” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 50). Tal relevância faz com que a comunicação tenha uma função determinante nas representações e do pensamento social porque desempenha um papel fundamental nas trocas e interações (Gonzalez, 2018).

“As representações sociais se constituem no cotidiano e fazem parte da realidade das pessoas, se estruturam e conduzem o comportamento de um indivíduo e a comunicação que se estabelece entre ele e os demais membros da sociedade” (Santos, 2013, p. 12). Jodelet (2001) ressalta que a comunicação dos fenômenos representacionais tem uma importância primordial, pois, além de ser “vetor da transmissão da linguagem e portadora de representações”, ela “incide sobre os aspectos estruturais e formais do pensamento social, visto que engaja os processos de interação social, influência, consenso e dissenso e polêmica” (Jodelet, 2001, p. 13).

Santos (2013) complementa que “as representações sociais seriam verdadeiras teorias do senso comum que se elaboram coletivamente nas interações sociais sujeito-sujeito e sujeito-instituição, num determinado tempo, em uma cultura e espaço próprios” (p. 12). Dessa

forma, as representações das mulheres vão quase sempre ao encontro das representações estereotipadas e muito raramente rompem com as definições tradicionais ou alteram as desigualdades na construção de gênero (Mota-Ribeiro, 2005).

No Brasil, os grandes veículos de mídia de massa são monopolizados por poucos cidadãos, o que gera uma espécie de controle sobre a informação, prejudicando diretamente o espectador que recebe as informações condizentes ao interesse de quem a transmite. O problema é ainda maior quando se tem em loco a mulher idealizada e vendida pela mídia em geral. Os estigmas e estereótipos associados ao gênero feminino são diariamente reforçados e reafirmados (Couto; Stein; Martins, 2016, p. 14).

As representações que quebram os estereótipos já difundidos, infelizmente, ainda são uma minoria e acontece em meios de comunicação que tem um público específico e uma visibilidade relativamente pequena quando se comparada aos meios de comunicação de massa. “As representações do feminino mais massificadas têm uma maior influência nos modos de pensar o feminino, por parte da sociedade em geral e por parte das próprias mulheres” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 52).

Na arte, na literatura ou até mesmo nas revistas feministas, por exemplo, “os modelos de mulher apresentados procuram deliberadamente ser o contraponto de uma espécie de feminilidade hegemônica que domina quase todos os meios massivos de divulgação de mensagens” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 51). A parte ruim é que o consumo desse tipo de informação acontece em contextos restritos porque sua difusão é reduzida se comparada aos grandes meios. “A influência e poder deste tipo de manifestação ficam-se por um círculo fechado e bem determinado de mulheres, sendo sua visibilidade bastante reduzida” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 51).

Mota-Ribeiro (2005) conta que a imprensa propriamente feminina surgiu ao longo do século XX e foi, de certa forma, transmitida em escala de massa através do cinema e da publicidade. “No entanto, o próprio movimento feminista tem reconhecido que as mulheres são representadas e tornadas visíveis quotidianamente na cultura dominante, mas a sua preocupação é a de analisar e desconstruir o modo como essas representações produzem e despertam significados e fazem circular ideologias” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 50).

A invisibilidade das mulheres na mídia tem sido discutida. Os textos culturais “são entendidos como organizadores de todo um imaginário ligado à mulher, afirmando-se, por isso, como um campo incontornável, quando se trata de questionar relações de poder e de combater mecanismos de perpetuação da dominação masculina” (Mota-Ribeiro, 2005, p.

50). Dessa forma, tais representações “contribuem para a sedimentação e legitimação de práticas sociais concretas” (Mota-Ribeiro, 2005, p. 50).

Contudo, a mídia poderia sim fazer uma ruptura das representações estereotipadas e um dos caminhos apontados para tal modificação seria a chegada das mulheres ao topo das grandes empresas midiáticas, já que são os homens os produtores de mensagens que dizem respeito às mulheres (Mota-Ribeiro, 2005, p. 52). O que é, no mínimo, contraditório.

Além de ideologias políticas, são propagados estereótipos e modelos sociais do que seria "certo" para a sociedade. Em boa parte das vezes, é a partir desses princípios divulgados pela mídia, submetida a interesses pessoais de poucos, que são elaborados e/ou reforçados pré-conceitos e conceitos que se transformam em discursos vigentes da opinião pública, muitas vezes discursos que podem disseminar ódio diante de minorias e padrões estéticos impostos principalmente às mulheres (Couto; Stein; Martins, 2016, p. 4).

Ou seja, a mudança nas mensagens propagadas pela mídia envolve um processo complexo, longo e que abrange também um aspecto educacional da sociedade. É necessária a formação de telespectadores e leitores com visão crítica. O interesse na mudança muito provavelmente só vai acontecer quando os grandes conglomerados de comunicação verem seus lucros reduzidos por não estarem produzindo o conteúdo que o receptor deseja receber. “É notória a necessidade de uma espécie de educação midiática para que a sociedade tenha senso crítico diante de situações propagadas pelos meios de comunicação. Algo que desenvolva a percepção do espectador e que o coloque como mais do que um mero observador da mídia” (Couto; Stein; Martins, 2016, p. 4).

Em um mundo ideal, o receptor deve ter “uma visão crítica sobre os fatos que são postos por meio dos veículos de comunicação como verdade absoluta” (Couto; Stein; Martins, 2016, p. 4 - 5). Para finalizar o embasamento teórico deste estudo, o próximo tópico discorrerá sobre a presença e atuação das mulheres, especificamente, no campo político.

2.5 Desigualdade política de gênero

Conforme já apresentado, as mulheres vêm conquistando cada vez mais o seu espaço em diferentes esferas, mas quando a análise é feita no campo político, há ainda inúmeras diferenças e desigualdades. “A igualdade entre os gêneros no âmbito social e profissional ainda é um sonho distante. Quando se trata de cargos públicos, a representatividade feminina ainda é muito baixa se comparada à masculina, ou seja, o poder público ainda é predominantemente masculino” (Costa, 2019, p. 7). Florentino (2018) afirma que a dificuldade na representação feminina acontece porque “muitas mulheres ainda têm dificuldades de

ocupar cargos de poder, serem eleitas ou terem voz ativa nas tomadas de decisões políticas” (s.p.).

Há muitos anos as mulheres lutam “por uma igualdade de direitos sem distinção de gêneros, somente visando ocupar os mesmos cargos, ter direito aos mesmos salários conforme cargos exercidos e ter o mesmo poder de voz (Rodrigues; Silva, 2015, p. 4). Em qualquer que seja o aspecto, “a luta deve ser pela igualdade de direitos civis e sociais e pela valorização financeira e moral da capacidade feminina no desenvolvimento em toda a sociedade” (Rodrigues; Silva, 2015, p. 4).

Couto (2012) reforça que por muito tempo, a política era assunto quase que exclusivo aos homens e o atraso na concessão dos direitos políticos para as mulheres pode ser uma das raízes da baixa participação feminina nas Câmaras e na atuação política.

Firmino, Silva e Viana (2015) ressaltam que a grande contradição na sub-representação feminina está no fato de que as mulheres representam a maioria da população e do eleitorado, mas elas “permanecem em minoria nos cargos de poder e decisão nas empresas, nos Poderes Executivo, Legislativa e Judiciário, assim como nas direções e posições de maior visibilidade nos partidos e nos sindicatos” (p. 3). E mesmo o número de mulheres atuantes aumentando nos últimos anos, ele “ainda é sub-representado se comparado ao número de homens que exercem cargos políticos, podendo-se afirmar que o brasileiro ainda é marcado por traços de coronelismo masculino” (Botelho; Scherer, 2016, p. 2).

A presença de mulheres no cenário político representa uma possibilidade de atendimento às necessidades e aos interesses da população feminina. A partir disso, vários são os argumentos que para justificar a importância da participação feminina nesses espaços. Entre estes argumentos destacam-se a crença da moralização da prática política, na qual a mulher tornaria o meio político mais honesto e ético; outro ponto está no fato de que a presença feminina na política formal levaria à inclusão, na agenda política, de temas que concernem a interesses femininos (Couto, 2012, p. 12).

Lisboa (2017, p. 31), menciona um informe do Banco Mundial em que se assegura que mais mulheres em postos de poder garantem menos corrupção. “Os países onde as mulheres têm mais direitos e participam mais da vida pública são aqueles que possuem empresas e governos menos corruptos [...] Se houvesse mais mulheres nos espaços de poder, será que esse índice de corrupção diminuiria?”.

Figueiredo (2022, p. 21) afirma que a corrupção afeta as pessoas mais vulneráveis, como por exemplo, as mulheres e isso é uma “consequência direta da desigualdade de gênero e das suas diversas manifestações nos domínios político, social, econômico e jurídico”. Na grande maioria dos casos, cabe às mulheres a função de cuidar e isso faz com que elas

utilizem serviços públicos com mais frequência. E como a corrupção atinge a qualidade da prestação dos serviços, as mulheres são afetadas de forma mais severa.

Contudo, “a baixa presença feminina nas esferas políticas formais não significa que as mulheres sejam apolíticas ou mais conservadoras do que os homens. As relações de gênero “construíram socialmente as identidades masculinas e femininas e criaram uma barreira entre o “ser mulher” e a política” (Couto, 2012, p. 88). “Isso acontece devido à exclusão histórica das mulheres na política e que reverbera, até hoje, no nosso cenário de baixa representatividade feminina no governo” (Florentino, 2018, s. p.).

A desigualdade política “também pode ser reflexo de uma desigualdade nos campos cultural, social e econômico” (Botelho; Scherer, 2016, p. 4). Maiores responsabilidades no cuidado com a família e nos afazeres domésticos, o preconceito são fatores que podem impedir “que as mulheres pratiquem a política e sejam ouvidas da mesma maneira que os homens” (Santos, 2017, s. p.). Existe ainda “um fator institucional que dificulta a chegada ao poder das mulheres. Essa barreira institucional tem origem tanto na legislação eleitoral, quanto nas relações de poder no âmbito dos partidos políticos brasileiros” (Santos, 2017, s. p.).

A aceitação das mulheres no meio político só foi possível graças aos movimentos feministas, que tiveram “uma trajetória de luta e enfrentamento, assim como o auxílio de ações afirmativas para que sua participação fosse assegurada” (Couto, 2012, p. 53). O movimento feminista contribuiu para que algumas barreiras fossem rompidas e as mulheres passaram a fazer parte da “esfera política através de movimentos sociais, associações de bairro, convenções e congressos de mulheres etc. E foi através da participação feminina em movimentos sociais que a mulher tem conseguido, cada vez mais, alcançar a vida política” (Couto, 2012, p. 88).

Por muito tempo, o papel destinado às mulheres na esfera política era o de primeira-dama enquanto o homem era o responsável por “exercer as funções de poder na esfera pública” (Botelho; Scherer, 2016, p. 13). Com muitas lutas, essa realidade está sendo alterada e “apesar de todos os entraves que as mulheres enfrentam desde seu ingresso em um cargo público, quando elas alcançam um cargo de liderança e podem fazer a diferença, elas criam políticas para auxiliar outras mulheres” (Costa, 2019, p. 21). Nesse sentido, Rodrigues e Silva (2015 p. 7) destacam que “as mulheres podem assumir com propriedade os papéis de liderança modernos, mesmo que continuem a enfrentar obstáculos da liderança por conta de preconceitos ligados ao gênero”.

Com as mulheres se tornando protagonistas da vida política, características que quase sempre foram exclusivamente atribuídas a elas passaram a ser vistas como algo positivo, como por exemplo: “uma sensibilidade maior, uma maior capacidade analítica, uma maneira diferente de gerir e a capacidade de não se deixar influenciar” (Costa, 2019, p. 10). Nesse sentido, a pesquisadora ressalta que “a mulher tem um perfil bastante singular, uma maneira de gerir diferente, porém muitas vezes o preconceito e a falta de reconhecimento de suas capacidades tornam-se obstáculos significativos” (Costa, 2019, p. 13).

A chegada das mulheres em cargos de liderança é uma mudança cultural e apesar das limitações que elas ainda enfrentam, não há dúvida de que a capacidade de homens e mulheres é a mesma. “Elas têm ocupado cargos que antigamente eram somente para homens, e isso ainda pode gerar conflitos e competitividade entre os gêneros, desvalorização e até mesmo pensamentos machistas” (Rodrigues; Silva, 2015, p. 9).

Quando as mulheres estão bem-preparadas, a presença delas “trazem um crescimento maior na forma de liderar e na distribuição de tarefas confiada a elas, que são mais fiéis, sinceras e delicadas quanto à execução de suas funções e proporcionam um ambiente de trabalho mais harmonioso” (Rodrigues; Silva, 2015, p. 9).

Aumentar a representatividade feminina na política é uma realidade que só será alcançada a partir de ações concretas e efetivas. Em 1997 foi criada “uma política de reserva de vagas para candidaturas femininas no Brasil. Em 2009, essa cota passou a ser obrigatória e definida em no mínimo 30%. Mas, embora a medida tenha aumentado o número de candidaturas femininas, esse aumento não se converteu em porcentagens de mulheres eleitas” (Montesanti, 2018, s. p).

A sub-representação feminina na política tem reflexo direto na democracia de uma nação, já que “a democracia pressupõe uma maior participação de todos os cidadãos e cidadãs. E um país não pode ser considerado totalmente democrático com a exclusão do potencial de uma grande parte dos elementos que a constituem” (Kurzawa, 2003, p. 5). “A sub-representação feminina na política gera consequências que se refletem, principalmente, mas não unicamente, na idealização, construção e execução de políticas públicas que considerem as questões do ser mulher” (Florentino, 2018, s. p.).

Santos (2017, s.p.) ainda completa que “quanto mais postos o sexo feminino conquista na cúpula do governo, mais igualitário tende a ser aquele país – ou, pelo menos, mais preocupados os governos estão em reduzir as diferenças entre homens e mulheres”.

Além de potencializar as pautas femininas, a representatividade política das mulheres contribui para uma maior produtividade. “A participação efetiva das mulheres nas diversas

esferas de poder não deve se dar apenas como direito de cidadãs, mas principalmente sob a forma de contribuição para o fortalecimento da democracia” (Firmino; Silva; Viana, 2015, p. 19). A ausência de mulheres nos espaços onde as decisões mais importantes do país são tomadas “empobrece a democracia” (Firmino; Silva; Viana, 2015, p. 19).

As alternativas para mudar essa situação podem ser encontradas a partir do exemplo de outros países. Santos (2017, s. p.) destaca algumas medidas que estão sendo tomadas para estimular a competitividade das mulheres nas disputas eleitorais como: “eleições com um percentual elevado de cadeiras exclusivas para mulheres, cotas no financiamento público de campanhas e estímulos para os partidos admitirem mais mulheres em sua estrutura decisória”.

Firmino, Silva e Viana (2015) citam outras medidas que podem acarretar uma mudança institucional: “estabelecer cotas para as mulheres em comitês ou conselhos executivos, oferecer estrutura adequada para amamentação ou cuidado das/os filhas/os (creches) no local de trabalho, e avaliar a equiparação das licenças de paternidade e maternidade” (p. 19).

Sociedades com grande participação feminina no Congresso são, em geral, países em que as mulheres conseguem equilibrar sua vida profissional e pessoal de forma a ainda conseguir tempo para fazer política e, o que é mais importante, fazer suas ideias serem ouvidas e aceitas pelos demais cidadãos (Santos, 2017, s. p.).

É inquestionável que, com as mulheres ocupando os cargos formais de poder, políticas públicas voltadas para elas têm maior chance de serem desenvolvidas. Porém, elas não devem se posicionar e trabalhar somente com as pautas consideradas femininas:

Caso contrário, as mesmas estariam eternamente responsáveis a lidar com assuntos de interesses femininos, a esfera social, de saúde ou privada, enquanto aos homens caberiam as *hard politics*, onde há temas que envolvem mais recursos, e conseqüentemente poder e prestígio político, como temas econômicos, de infraestrutura e tecnologia (Couto, 2012, p. 89).

A luta pela igualdade concreta no campo político ainda tem um longo caminho a ser percorrido. Botelho e Scherer (2016) evidenciam que a igualdade de oportunidade é uma questão de “democracia, de empoderamento feminino, de inclusão social, de responsabilização pelos rumos da sociedade e eliminação de discriminação contra a mulher, tanto no âmbito da esfera privada como na pública” (p. 13). Além disso, “quando o sexo feminino reivindica maior participação é porque entende que o mundo precisa ser repensado sob uma outra ótica, em que haja o respeito pela dignidade e pela diversidade e não a dominação” (Kurzawa, 2003, p. 5).

A relação entre gênero e poder é íntima. “O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece” (Scott, 1995, p. 92). Por muito tempo, a alta política tentou excluir as mulheres de seu funcionamento para proteger o próprio poder político como se essa situação não fosse uma construção da própria sociedade. “Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro” (Scott, 1995, p. 92).

As mulheres precisam “deixar de lado a herança cultural do desinteresse político e acreditar no seu potencial, ter consciência do que quer e lutar por isso” (Costa, 2019, p. 13). Só assim será possível alcançar uma vida mais justa para todas, já que “são os processos políticos que vão determinar qual resultado prevalecerá - político no sentido de que atores diferentes e significados diferentes lutam entre si para assegurar o controle. A natureza desse processo, dos atores e de suas ações, só pode ser determinada de forma específica, no contexto do tempo e do espaço (Scott, 1995, p. 93).

O levantamento teórico realizado apontou definições, concepções e histórico de conceitos que serão fundamentais para justificar as possíveis causas dos problemas e das desigualdades levantadas pelo presente trabalho. É fundamental destacar que todos os tópicos abordados estão intrinsecamente ligados entre si. É impossível analisar a posição atual da mulher na sociedade brasileira sem percorrer a luta e as conquistas dos movimentos feministas. É improvável discorrer sobre desigualdade de gênero na política sem falar de gênero como categoria analítica. É inviável explorar as representações disseminadas pela mídia sem debater sobre os estereótipos atribuídos às mulheres desde a Bíblia.

Dessa forma, o intuito da presente seção foi compor uma fundamentação teórica para auxiliar na construção de um senso crítico e extinguir com a ideia de que a desigualdade de gênero é algo natural. Muito pelo contrário, assim como diversos outros fenômenos, ela é construída socialmente e culturalmente para atender aos interesses de uma maioria dominante.

3 A PESQUISA DOS REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS

Esta dissertação está dentro do paradigma interpretativo, que busca utilizar o “sentido pelos atores sociais, os quais são dotados da capacidade (criativa) de agir e cujas identidades se constituem e modificam, ao longo de suas vidas, nos processos sociais” (Keller, 2023, s. p). Nesse sentido, as situações e relações sociais são compreendidas pelas pessoas, que agem a partir de suas interpretações, e não simplesmente pelas normas e modelos sociais preestabelecidos.

A abordagem interpretativa possui “uma preferência pela pesquisa social qualitativa” (Keller, 2023, s. p), sendo assim, quanto à natureza, optamos por uma abordagem qualitativa, em que o pesquisador ou pesquisadora assume um papel de observador e intérprete da realidade (Denzin; Lincoln, 2018). A utilização do método qualitativo se justifica porque o interesse maior da pesquisa é na descrição exata de processos e está “mais orientada para a produção de protocolos das suas questões de pesquisa e para sua documentação e reconstrução” (Flick, 2013, p. 127).

Bardin (1977) reforça que neste tipo de análise, “é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (p. 21). Os estudos qualitativos, “são com frequência mais proveitosos quando os procedimentos são menos padronizados e aplicados de maneira flexível para que aspectos novos e inesperados se tornem relevantes” (Flick, 2013, p. 30). Através da interpretação dos dados, é “possível reconstruir – perguntando, como algo ocorreu ou ocorre” (Flick, 2013, p. 30).

O contexto da pesquisa são os repertórios interpretativos relacionados à desigualdade política de gênero disseminados na versão eletrônica do jornal Folha de S. Paulo durante a campanha à presidência brasileira de 2022. A escolha do veículo se justifica por ser o jornal de maior circulação do país. Segundo dados divulgados pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC), em julho de 2023 foram registrados 796 mil exemplares diários pagos e as assinaturas digitais chegaram a 752 mil (Folha de S. Paulo, 2023, s. p.). Passos (2021) salienta que a relevância histórica construída pelo veículo é inegável, pois este fez “a cobertura desde o período da República Velha, sua relação e cobertura com a Ditadura Militar do Brasil, a cobertura política de casos como, por exemplo, o escândalo do Mensalão, etc” (p. 62).

A análise foi realizada a partir de todo o material publicado durante o período eleitoral do pleito, com recorte temporal entre os dias 16 de agosto e 30 de setembro de 2022, em que são citados os nomes das quatro mulheres que disputaram o pleito.

Desta forma, trata-se de uma pesquisa documental com análise secundária, pois utiliza “dados existentes que foram produzidos para outros propósitos” (Flick, 2013, p. 124). Bardin (1977, p. 45) acrescenta que “a análise documental tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação”.

Para reunir o material e analisar os repertórios interpretativos construídos, o primeiro passo foi identificar as mulheres candidatas à presidência da república naquele pleito: Simone Tebet, Sofia Manzano, Soraya Thronicke e Vera Lúcia.

A investigação do material coletado foi feita através da aplicação da técnica de análise de discurso. Através dela, “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2009, p. 15). Orlandi (2009) complementa que a análise de discurso “considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer” (Orlandi, 2009, p. 16).

As práticas discursivas são “o foco central de análise na abordagem construcionista. Implicam ações, seleções, escolhas, linguagens, contextos, enfim, uma variedade de produções sociais das quais são expressão. Constituem, dessa forma, um caminho privilegiado para entender a produção de sentido no cotidiano” (Spink; Medrado, 2013, p. 20 - 21).

E é a partir das práticas discursivas, que os repertórios interpretativos são identificados, os quais, por sua vez, são definidos como:

Maneiras de falar sobre um tema específico e são chamados repertórios, pois se considera que estas maneiras não são completamente espontâneas, mas sim que as pessoas aplicam certas maneiras de falar sobre um tema. Ao mesmo tempo, por exemplo, a maneira como um tema é tratado na imprensa estabelece tais repertórios (Flick, 2013, p. 158).

Os repertórios interpretativos constroem os discursos através do “conjunto de termos, descrições, lugares-comuns e figuras de linguagem – que demarcam o rol de possibilidades de construções discursivas, tendo por parâmetros o contexto em que essas práticas são produzidas e os estilos gramaticais específicos ou *speech genres*” (Spink; Medrado, 2013, p. 28).

Moreira (2009) acrescenta que os repertórios interpretativos “são os conjuntos de termos, descrições, lugares comuns e figuras de linguagem, agrupados em torno de metáforas ou imagens, usados na linguagem cotidiana [...] São originados na comunidade linguística em que somos socializados e são transmitidos em nossas relações” (p. 39 – 40).

Nesse contexto, o discurso é entendido como “o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por / para os sujeitos” (Orlandi, 2009, p. 17). Os discursos são diversos e é exatamente em sua variabilidade que está o seu maior potencial. “A natureza polissêmica da linguagem possibilita às pessoas transitarem por inúmeros contextos e vivenciar variadas situações” (Spink; Medrado, 2013, p. 29). Ou seja, “esse conceito é particularmente útil para entendermos a variabilidade usualmente encontrada nas comunicações cotidianas, quando repertórios próprios de discursos diversos são combinados de formas pouco usuais, obedecendo a uma linha de argumentação, mas gerando, frequentemente, contradições” (Spink; Medrado, 2013, p. 28).

Dessa forma, os discursos também são uma construção social, cultural que guiam a forma como os acontecimentos serão narrados. “Os repertórios não pertencem aos indivíduos, pois são, pelo contrário, uma espécie de recurso social, disponível para todos os que partilham uma linguagem e uma cultura” (Moreira, 2009, p. 40).

De acordo com Potter e Wetherell (1987), os passos para organizar, codificar e analisar os dados são: leitura do material; codificação do material; agrupamento das codificações semelhantes e, por fim, interpretação e análise dos relatos.

A pesquisa documental foi feita no site do jornal Folha de S. Paulo e o primeiro passo para realizar a pesquisa foi ir até o mecanismo “Buscar”, disponibilizado no canto superior direito do portal, digitar o nome das quatro mulheres que se candidataram à presidência da república. Do lado esquerdo da página há a opção de selecionar o período e, ao clicar na opção “Personalizado”, foi possível inserir o período eleitoral, de 16 de agosto a 30 de setembro de 2022 (Figura 1).

Figura 1: Portal Jornal Folha de S. Paulo

Fonte: Jornal Folha de S. Paulo

Seguindo a ordem alfabética, o primeiro nome pesquisado foi o de Simone Tebet, seguido de Sofia Manzano, Soraya Thronicke e Vera Lúcia. Prosseguimos com a pesquisa das notícias que mencionavam as candidatas no referido jornal. Nesta primeira busca, foram encontrados os seguintes resultados, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Resultados Encontrados

Candidata	Número de Matérias	Nº de Páginas Encontradas
Simone Tebet	548	22
Sofia Manzano	43	2
Soraya Thronicke	222	9
Vera Lúcia	25	1
TOTAL	838	34

Fonte: Elaboração da autora

Em seguida, foi feita a leitura de todos os 838 resultados encontrados que mencionavam as candidatas e o próximo passo foi organizar esse material a partir do conteúdo e da forma como as mulheres foram citadas. Para isso, criou-se uma tabela, utilizando o editor de planilhas *Excel*, e foram estabelecidas categorias de acordo com o conteúdo das notícias encontradas. Essa classificação foi feita a partir da forma como a candidata à presidência era apresentada e representada no conteúdo. Foram criadas as seguintes categorias para as notícias, como mostrado no Quadro 1.

Quadro 1: Categorização das Matérias

Categorias	Explicação
Protagonista	Matéria em que a candidata à presidência é a personagem principal, ou seja, o conteúdo foi produzido a partir de um acontecimento, ação ou para contar sua própria história
Citação	O nome da candidata apenas é mencionado na matéria sem atribuição de qualquer valor, adjetivo ou destaque para suas ações. Por exemplo: “Participam do debate os candidatos x, y e z”
Citação com mais informação ou juízo de valor	Matéria em que há um destaque um pouco maior para a candidata, mas está longe de fazer dela protagonista, por exemplo: a verificação se o discurso dito em um debate utilizou informações verdadeiras ou falsas
Foto	Apenas a divulgação da imagem da candidata à presidência e a legenda contendo seu nome
Plano de Governo	Menção ao plano de governo da candidata em uma determinada área, seja através da disponibilização do documento ou de uma entrevista com algum representante de sua equipe
Pesquisa	Divulgação de pesquisa de intenção de voto, onde apenas é informada a porcentagem obtida pela candidata ou um levantamento da opinião dos eleitores brasileiros sobre um determinado assunto ou tema
Ao Vivo	Para garantir a cobertura total de um debate, o site do Jornal Folha de S. Paulo disponibilizou o conteúdo “Ao Vivo”, onde divulgava em tempo real as falas dos candidatos e a verificação sobre a veracidade do discurso

Fonte: Elaboração da autora

A partir dessa leitura e da classificação de todas as notícias descritas na tabela *Excel* definiu-se que o corpus da pesquisa, que “é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (Bardin, 1977, p. 96), constitui-se apenas com as matérias em que as mulheres candidatas à presidência são apresentadas ou representadas como protagonistas, por entender que estes são os mais relevantes para responder ao problema de pesquisa, considerando que “os pesquisadores qualitativos escolhem os participantes propositalmente e integram pequenos números de casos segundo sua relevância” (Flick, 2013, p. 23). Bardin (1977) define tal procedimento como regra da homogeneidade, já que os documentos utilizados na análise devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha. A Tabela 2 a seguir apresenta de forma detalhada a categorização feita.

Tabela 2: Classificação das Matérias

Classificação	Simone Tebet	Sofia Manzano	Soraya Thronicke	Vera Lúcia
Protagonista	23	1	16	1
Citação	257	11	99	5
Citação com mais informação ou juízo de valor	49	0	30	0
Foto	14	2	7	2
Plano de Governo	38	2	3	1
Pesquisa	102	24	31	16

Ao Vivo	49	1	32	0
Versão Internacional	16	2	4	0
Total	548	43	222	25

Fonte: Elaboração da autora

Do total dos 838 resultados encontrados envolvendo o nome das quatro candidatas, 22 matérias fazem parte da versão internacional do Jornal Folha de S. Paulo, que disponibiliza o conteúdo do site em inglês e espanhol, os quais não serão utilizados nesta pesquisa. Os resultados encontrados serão apresentados e discutidos nas próximas seções.

4. REPERTÓRIOS INTERPRETATIVOS SOBRE AS CANDIDATAS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM 2022 NA FOLHA DE S. PAULO

Nesta seção, serão apresentados os resultados obtidos com a pesquisa. Para isso, descrevemos os procedimentos e os passos da análise, a categorização, as convergências e divergências. Ao final, inclui-se uma seção de discussão dos resultados.

4.1 Tratamento e análise do corpus

A desigualdade de gênero na sociedade como um todo é um tema atual, de extrema relevância e totalmente aberto para que seja feito o “enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas” (Cavalvante; Calixto; Pinheiro, 2014, p. 14).

A partir das notícias selecionadas, exploramos os repertórios interpretativos da versão online do jornal Folha de S. Paulo sobre as mulheres candidatas à presidência nas eleições de 2022. Com os materiais escolhidos, a próxima etapa foi escolher um *software*, que auxilie na análise textual. Optou-se pelo IRAMUTEQ por ser uma ferramenta de fácil acesso e que pode ser baixada, instalada e utilizada por qualquer pessoa. Depois de fazer o *download* do *software*, foi necessário fazer um tratamento das notícias selecionadas para que o programa processasse o banco de dados. Foi necessário retirar todos os caracteres especiais, acentos, símbolos e padronizar nomes próprios. Por uma questão de praticidade, o nome ou sobrenome (s) foi (ram) suprimido (s) e no caso de nomes compostos, o símbolo *underline* () foi inserido entre eles conforme demonstrado no Quadro 2.

Quadro 2: Padronização Corpus Utilização IRAMUTEQ

Palavra Original	Substituição IRAMUTEQ
Alexandre de Moraes	Alexandre_de_Moraes
Alexandre Frota	Alexandre_Frota
Ana Amelia	Ana_Amelia
Ana Amelia	Ana_Amelia
Ana Paula Matos	Ana_Paula_Matos
André Janones	André_Janones
Bia Kicis	Bia_Kicis
Ciro Gomes	Ciro
Danny_Fabricio	Danny_Fabricio
Debora Thome	Debora_Thome
Dilma Rousseff	Dilma
Eduardo Leite	Eduardo_Leite

Eduardo Leite	Eduardo_Leite
Eudiane Macedo	Eudiane_Macedo
Eunício Oliveira	Eunicio_Oliveira
Fátima Perola Neggra	Fatima_Perola_Neggra
Flávio Bolsonaro	Flávio
Gabriel Souza	Gabriel_Souza
Gabriel Souza	Gabriel_Souza
Geraldo Alckmin	Alckmin
Guga Noblat	Guga_Noblat
Hannah Maruci	Hannah_Maruci
Ibaneis Rocha	Ibaneis_Rocha
Jair Bolsonaro	Bolsonaro
João Dória	Joao_Doria
Jose Sarney	Jose_Sarney
Leo Pericles	Leo_Pericles
Lu Belin	Lu_Belin
Luciano Bivar	Bivar
Luiz Felipe d'Avila	Luiz_Felipe
Luiz Henrique Mandetta	Mandetta
Luiz Inácio Lula da Silva	Lula
Lula Guimarães	Guimaraes
Mara Gabrilli	Mara_Gabrilli
Marcos Cintra	Marcos
Michel Temer	Michel_Temer
Padre Kelmon	Padre_Kelmon
Patrícia Pillar	Patricia_Pillar
Ramez Tebet	Ramez_Tebet
Raquel Tremembe	Raquel_Tremembe
Renan Calheiros	Renan_Calheiros
Rodolfo Nogueira	Rodolfo_Nogueira
Rodrigo Garcia	Rodrigo_Garcia
Rodrigo Pacheco	Rodrigo_Pacheco
Romero Jucá	Romero_Juca
Samara Martins	Samara_Martins
Sergio Moro	Moro
Simone Tebet	Simone
Soraya Thronicke	Soraya
Tadeu Filippelli	Tadeu_Filippelli
Vera Lucia	Vera_Lucia
Walter Braga Netto	Braga_Netto

Fonte: Elaboração da autora

É importante salientar que o IRAMUTEQ utiliza o processo de lematização, que faz com que as palavras sejam identificadas e relacionadas por sua raiz e não considera singular ou plural, tempo verbal ou gênero.

4.2 Resultados extraídos do IRAMUTEQ

O *software* IRAMUTEQ possibilita que sejam realizadas inúmeras análises de texto, são elas: Estatísticas Textuais; Especificidades e Análise Fatorial Confirmatória (AFC); Classificação Hierárquica Descendente (CHD); Análise de Similitude e Nuvem de Palavras.

Como a presente pesquisa é um estudo qualitativo, foram priorizadas as análises que têm essa abordagem e, por isso, não se utilizou a ferramenta AFC e CHD. Antes de mostrar os resultados obtidos, apresentamos uma breve explicação sobre cada uma delas.

Estatísticas Textuais: trata-se da análise preliminar do corpus e são apresentados dados básicos, como o número de textos que compõem o corpus, quantidade de segmentos, formas, palavras repetidas e as que aparecem apenas uma única vez. O IRAMUTEQ divide os textos em Segmentos de Textos (STs), que correspondem a mais ou menos três linhas para identificar a frequência em tais segmentos. Com essa funcionalidade é possível visualizar também a frequência das palavras presentes no corpus.

Análise de Similitude: Apresenta a ligação entre as palavras do corpus textual, sendo possível inferir a estrutura de construção do texto, dos temas e como eles se relacionam, além de observar também as palavras que são opostas.

Nuvem de Palavras: Mostra as palavras em formatos e tamanhos diferentes de acordo com a importância delas no corpus. As maiores são as de maior destaque.

4.2.1 Análise dos corpus

Finalizada a parte de explicações sobre as ferramentas disponibilizadas pelo IRAMUTEQ, a seguir serão apresentados os resultados das análises obtidas através da utilização do *software* no corpus da pesquisa. Iniciaremos com a parte de Estatísticas Textuais (Figura 2).

Figura 2: Estatística Textual

Simone Tebet		Soraya Thonicke	
Number of texts	23	Number of texts	16
Number of text segments	593	Number of text segments	217
occurrences	21132	occurrences	7636
Number of forms	4071	Number of forms	2136
Número de hapax	2307 - 56.67 % des formes - 10.92 % des occurrences	Número de hapax	1340 - 62.73 % des formes - 17.55 % des occurrences

Sofia Manzano e Vera Lúcia	
Number of texts	1
Number of text segments	15
occurrences	498
Number of forms	275
Número de hapax	207 - 75.27 % des formes - 41.57 % des occurrences

Fonte: IRAMUTEQ

O corpus referente à candidata Simone Tebet é constituído por 23 textos, separados em 593 STs, com utilização de 471, o que revela que o software obteve um aproveitamento de 79,43%. O corpus possui 21.132 palavras, sendo 4.071 palavras distintas e 2.307 palavras que foram mencionadas apenas uma vez.

Já o corpus referente a candidata Soraya Thronicke é constituído por 16 textos, separados em 217 STs, com utilização de 151, o que demonstra um aproveitamento de 69,59%. O corpus possui 7.636 palavras, sendo 2.136 palavras distintas e 1.340 palavras que foram mencionadas apenas uma vez.

As candidatas Sofia Manzano e Vera Lúcia foram apresentadas como protagonistas em apenas um texto, que publicou um pequeno perfil de ambas. Dessa forma, para que o conteúdo também seja analisado pelo software IRAMUTEQ, optou-se por uni-los. Sendo assim, o corpus das duas candidatas é constituído por um texto, separados em 15 segmentos de textos com 498 palavras, 275 sendo distintas e 207 mencionadas uma única vez.

No total, o corpus é composto por 41 textos, 501 segmentos de textos aproveitados para utilização, 29.266 palavras, sendo 4.585 palavras distintas e 3.854 palavras foram mencionadas apenas uma vez. Essa primeira análise comparativa aponta que as candidatas Soraya e Simone foram alvo de maior interesse nas matérias do que as candidatas Sofia e Vera Lúcia. Ou seja, as matérias analisadas deram maior espaço para as duas primeiras candidatas, o que, de certa forma, reflete as escolhas do veículo. A imprensa é formadora de opiniões e, como tal, é uma das bases importantes para que as pessoas recebam as informações sobre

determinados fatos, assim, a parcialidade não seria um problema se o veículo construísse sua narrativa considerando as possibilidades de outras interpretações, dando igual espaço para todas as candidatas.

Uma outra análise feita pelo IRAMUTEQ é em relação a frequência das palavras, ou seja, quantas vezes elas apareceram. Destacamos as 10 palavras ativas que foram mais citadas no corpus conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3: Palavras Mais Utilizadas e Frequência

Palavras Mais Utilizadas e Frequência		
<i>Simone Tebet</i>	<i>Soraya Thronicke</i>	<i>Sofia Manzano e Vera Lúcia</i>
mulher 237	Soraya 74	candidato 8
não 207	Bolsonaro 67	chapa 6
Simone 161	não 61	mulher 5
mais 153	Candidato 55	Vera Lúcia 5
como 142	como 52	vice 5
candidato 128	ao 48	eleições 4
Bolsonaro 97	dizer 48	mais 4
ao 90	mais 37	PSTU 4
partido 78	presidente 36	ao 3
também 70	União Brasil 34	conhecer 3

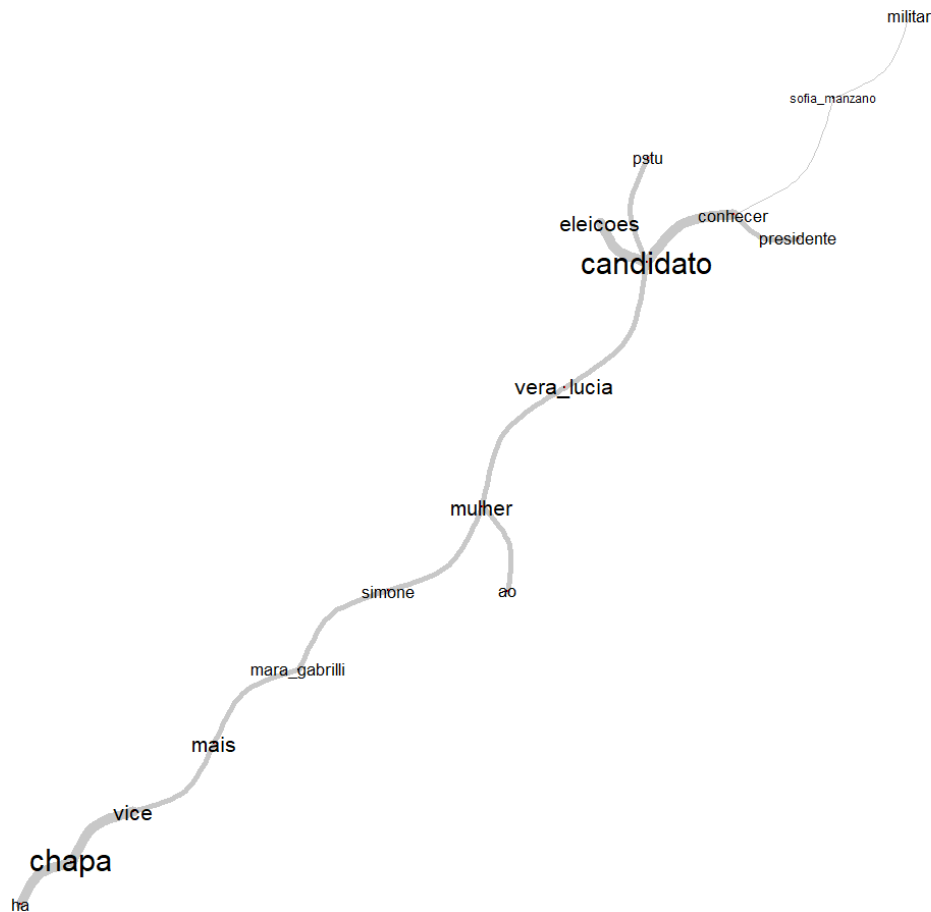
Fonte: IRAMUTEQ

. Como o corpus foi formado apenas com as matérias em que as candidatas são retratadas como protagonistas, já era esperado que seus nomes estivessem entre as palavras mais presentes e foi de fato o que aconteceu. A palavra “candidato” está entre as mais presentes no corpus de todas as candidatas e no caso de Sofia Manzano e Vera Lúcia, é a mais frequente com 8 aparições. Outro ponto em comum é que a palavra “partido” ou o nome do próprio partido das candidatas tem uma alta frequência.

Nas matérias das candidatas Simone Tebet e Soraya Thronicke, a palavra “Bolsonaro” também configura como uma das mais ativas e a palavra “mulher” aparece no corpus de Simone 237 vezes e de Sofia e Vera 5 vezes.

A próxima ferramenta utilizada é a Análise de Similitude. Para deixar a imagem mais limpa e com melhor visualização, no corpus de Simone Tebet optou-se por utilizar as palavras que tenham frequência mínima de 15. Já o corpus de Soraya Thronicke, que é menor que o de Tebet, a frequência mínima escolhida foi de 10, enquanto no corpus de Sofia Manzano e Vera Lúcia, composto apenas por um texto, não foi necessário escolher uma frequência mínima. Os resultados gerados pelo *software* são exibidos na Figura 3 e 4.

Figura 4: Análise de Similitude Sofia Manzano e Vera Lúcia



Fonte: IRAMUTEQ

Ao observar a Análise de Similitude do corpus de Simone Tebet, é possível observar que na parte superior o nome da candidata, de seus concorrentes, palavras que fazem referência a veículos de comunicação e entrevistas estão fortemente ligadas entre si. Na parte central da figura onde o “não” recebe o maior destaque, percebe-se que são os verbos e os advérbios que estão relacionados. No outro extremo da figura, a palavra “mulher” está ligada com “partido”, “homem”, “gênero”, “feminino”. E por fim, na parte inferior a palavra em destaque é o “mais” assim como “menos”, “eleitor” e “político”.

Enquanto no corpus de Simone Tebet o resultado é uma figura mais verticalizada, a análise de Soraya Thronicke é mais horizontal. Seu nome e o de Bolsonaro estão presentes na parte central da figura e se relacionam com o nome dos outros candidatos, do partido e a palavras como “presidente”, “candidatura”, “debate”, “política”. Na parte superior as palavras “não” e “dizer” são as maiores, enquanto na parte inferior é a palavra “candidato” e a preposição “ao”.

mulheres candidatas à presidência nas eleições de 2022. Os cinco repertórios são identificados por palavras, metáforas, expressões que aludem às seguintes representações: (1) *Mulheres com “coração de mãe”* - estereótipos atribuídos às mulheres como cuidadoras, donas de casa, mães, e com forte natureza emocional; (2) *Mulheres são incapazes e dependentes* – as mulheres precisam de suporte dos homens, não são autossuficientes; (3) *Mulheres são confusas e nervosas* – as mulheres não têm segurança sobre suas posições; (4) *Mulheres são diferentes dos homens e precisam de um tratamento especial* – as mulheres são inferiores; (5) *Mulheres são engraçadas e histéricas* – as mulheres são alvos de chacotas e memes.

4.3.1 *Mulheres com “coração de mãe”*

Independentemente da área de atuação ou de sua profissão, o papel de mãe e todas as características a ele vinculadas não são exclusivos à vida pessoal de uma mulher. Observou-se que o “coração de mãe” é um atributo evidenciado pelas matérias quando se fala das candidatas à presidência e esse é o primeiro repertório interpretativo identificado.

O “coração de mãe” nos remete a uma pessoa bondosa, que acolhe os outros, com capacidade para amparar e cuidar do próximo, afinal, já diz o ditado popular que no “coração de mãe sempre cabe mais um”. E é exatamente por ter esse atributo que as mulheres, teoricamente, teriam mais habilidade e facilidade para lidar com os problemas sociais como se na política existissem problemas exclusivamente só de homens ou só de mulheres. Problema é problema e afeta toda a população, independentemente do gênero.

"A presidente que vai estar governando o Brasil não é a senadora, não é a deputada, que foi prefeita. É a alma da mulher e coração de mãe" (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Logo informou a Renata que quem vai presidir o país não é a parlamentar, mas sim "a alma da mulher e o coração de mãe", clichê com potencial para fígar o público (Padiglione, 2022, s. p.)

Tebet, cuja campanha tem como mote central a chapa 100% feminina, trouxe no discurso elementos que desagradaram parte das mulheres.

A menção ao "coração de mãe" leva uma noção antiquada e sexista do posicionamento da mulher na sociedade. Infelizmente, parte do eleitorado ainda é atraída para candidaturas femininas justamente por esse "sexismo benevolente", o que faz com que seja difícil para as políticas abandonarem esse tipo de discurso (Boldrini, 2022, s. p.)

O uso da expressão "coração de mãe" por Tebet durante entrevistas e debates foi alvo de críticas de feministas, que argumentam que a fala traz uma representação estereotipada das eleitas e candidatas (Folha de S. Paulo, 2022b, s. p.)

Essa representação da figura de mãe é bem comum entre candidatas. Em 2022, a gente está vendo ela aparecer na corrida presidencial.[TV Cultura] Eu sou ficha limpa. Eu sou mãe. Eu e Mara, juntas, com a alma de uma mulher e o coração de uma mãe, nós vamos resolver definitivamente os problemas das pessoas (Folha de S. Paulo, 2022b, s. p.)

Esse foco que a campanha tem dado ao papel de mãe da senadora, que tem duas filhas, foi criticado por mulheres nas redes sociais. Elas dizem que o discurso reduz a mulher na política a estereótipos. [Simone] A mulher ela é mais... Ela tem uma visão mais orgânica, mais sistemática da coisa. Ela consegue fazer mais de uma coisa ao mesmo tempo, e ela sabe a importância do planejamento. Ela não sabe só arrumar a sua própria casa. Ela tem a capacidade de arrumar os ambientes onde ela trabalha. E quando eu digo arrumar a casa, não vejam esse termo como um termo pejorativo. Ao contrário, é no sentido assim, nós damos conta do recado. Na iniciativa privada, no mercado de trabalho e na política (Folha de S. Paulo, 2022b, s. p.)

Num universo eleitoral e político dominado por homens, o discurso da mãe de família acaba sendo o caminho que muitas candidatas encontram para falar com os eleitores (Folha de S. Paulo, 2022b, s. p.)

O papel de mãe e mulher fica em segundo plano. A estratégia a diferencia da adversária Simone Tebet (MDB), que coloca seu olhar feminino em primeiro plano (Zanini, 2022b, s. p.)

Como mostrado, apesar do “coração de mãe” ser considerado um clichê usado por aquelas que concorrem a um cargo público, ele ainda é extremamente utilizado para buscar a identificação, a confiança e o voto da parcela feminina, que compõem a maioria do eleitorado brasileiro. Contudo, da mesma forma que seu emprego pode gerar identificação com muitas mulheres, existe a parcela que concorda que sua utilização é uma forma de reduzir a atuação das mulheres na política e reforçar estereótipos.

Mas se esse clichê já foi usado por tantas candidatas e tem “potencial para fisgar o público”, por que a representatividade feminina na política continua baixa? Na política não existe receita de bolo. E com a ampliação das mulheres que se consideram feministas, será necessário pensar em outra estratégia para ganhar votos dessa parcela.

A candidata Soraya Thronicke não colocou o seu lado mãe e mulher em primeiro plano na campanha presidencial como fez Simone Tebet. Enquanto a segunda enfatiza seu olhar feminino e o fato de ser mãe, Soraya optou por se distanciar desse perfil.

4.3.2 Mulheres são incapazes e dependentes

Os resultados alcançados por uma mulher raramente são relatados como sendo frutos de seu próprio mérito. Existe uma necessidade de inserir um homem ou um grupo deles em

suas narrativas e estes, por sua vez, precisam estar dispostos a apoiá-la, como se as mulheres fossem dependentes e inferiores. E mesmo quando eles não são os protagonistas da situação, existe a necessidade de inseri-los.

Ela se recusou a responder perguntas referentes a outros candidatos. Afirmou que o momento é de "falar menos de Lula e de Bolsonaro e mais de Brasil real" (Machado, 2022c, s. p.)

Se a matéria tem o objetivo de contar como foi o início da campanha de uma candidata à presidência, qual a relevância de mencionar seus adversários? Outro ponto que merece destaque é a utilização do verbo “recusou”, que traz a impressão de falta de educação e de rispidez por parte de Tebet. A seguir, apresentamos exemplos de como a figura masculina está presente.

No sábado (20), a candidata recebeu o apoio explícito do governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), em comício na capital paulista. A participação no evento foi vista por aliados de Tebet como um gesto simbólico, em especial pela percepção que havia entre eles de que o tucano evitava associar sua imagem à da senadora em sua campanha (Zanini, 2022c, s. p.)

Esses tucanos estimam ainda que, se Doria fosse candidato no lugar de Tebet, estaria à frente do terceiro colocado, o pedetista Ciro Gomes (Zanini, 2022c, s. p.)

Tebet usou bem o artifício de se dirigir a Bonner e Renata pelos nomes de cada um, com olho no olho, como ensinou Lula na véspera (Padiglione, 2022, s. p.)

Até quando o intuito é elogiar o desempenho de uma mulher, um homem aparece na narrativa. A boa performance de Tebet na entrevista para o principal jornal de televisão do país só aconteceu porque ela “aprendeu” com Lula.

Tebet, 52, vem de uma família ligada à política. Seu pai, Ramez Tebet, ocupou diversos cargos públicos e foi presidente do Senado (Brant; Machado; Moraes, 2022, s. p.)

Tebet entrou na política por intermédio de seu pai, Ramez Tebet (1936-2006), político influente em Mato Grosso do Sul e que chegou à presidência do Senado (Machado, 2022c, s. p.)

Emedebistas críticos sempre destacam que ela ingressou na sigla "protegida" por ser filha de um quadro respeitado e bateu de frente com caciques (Machado, 2022c, s. p.)

A senadora, alvo de ataque machista de Bolsonaro no debate, também teve uma arrancada no voto feminino e avançou de 1% para 6%. No debate, a parlamentar respondeu aos ataques de Bolsonaro e indagou por que ele tinha tanta raiva das mulheres (Braga, 2022, s. p.)

Inúmeras vezes o pai de Tebet é mencionado nas matérias com o objetivo claro de reduzir sua atuação e sua competência política para insinuar que ela só conquistou tal posição por ser filha de Ramez. Até mesmo o aumento das intenções de voto da candidata é atribuído às respostas que ela deu aos ataques de um homem.

Entre as mais de 5.000 publicações consideradas hostis, o observatório identificou 6.661 termos que correspondiam a insultos ou tentativas de inferiorizar Tebet e Thronicke. Entre eles havia palavras consideradas misóginas, gordofóbicas, de descrédito intelectual e de assédio sexual, por exemplo (Bergamo, 2022, s. p.)

Sua campanha explora o fato de ela ser mulher, mas uma das principais agendas do movimento feminista, a legalização do aborto, foi tema mais tratado por Lula e principalmente por Bolsonaro durante o período eleitoral (Machado, 2022c, s. p.)

Um aspecto relevante é o fato da legalização do aborto ser tratada como uma questão que deve ser debatida exclusivamente por mulheres. No entanto, o aborto clandestino e, conseqüentemente, as mulheres vítimas dele são um problema de saúde pública. De acordo com um levantamento feito pela Gênero e Número¹, entre 2012 e 2022, 483 mulheres morreram em decorrência da realização de aborto em hospitais da rede pública de saúde do Brasil.

Enquanto a figura do pai de Simone Tebet é mencionada com frequência, no corpus da candidata Soraya Thronicke, a figura que se faz presente nas matérias é a do ex-presidente, Jair Bolsonaro. De forma clara e escancarada, as matérias da Folha afirmam que a conquista da vaga de Soraya ao Senado nas eleições de 2018 só aconteceu devido à sua aproximação com o Bolsonaro, já que ela é retratada como sua “fiel escudeira”.

Foram nas visitas ao Legislativo que se tornou próxima de Jair Bolsonaro (PL), que, em determinado momento, pediu para que seguisse com ele. Assim foi. Filiou-se ao PSL, então partido de Bolsonaro, e foi eleita para uma vaga no Senado. Atuou durante o início da gestão Bolsonaro como uma fiel escudeira do Planalto, chegando a ser vice-líder do governo (Brant; Machado, 2022, s. p.)

Nas viagens a Brasília a trabalho visitava o Congresso para pedir apoio para o afastamento de Dilma, movimento que a aproximou de Jair Bolsonaro, de quem recebeu o convite para se filiar ao PSL. Foi eleita em 2018, na onda

¹ Disponível em: <<https://www.generonumero.media/reportagens/brasil-mortes-tentativa-aborto/>>. Acesso em: 24 jan. 2023.

bolsonarista, com a candidatura alavancada com o discurso anticorrupção. Aderiu ao bolsonarismo e acabou eleita senadora por Mato Grosso do Sul. Agora, concorrendo contra Bolsonaro, afirma que vai manter os mesmos valores conservadores nos costumes e liberais na economia, além da bandeira anticorrupção (Brant; Machado; Moraes, 2022, s. p.)

Nós, mulheres, temos grandes exemplos para nos inspirar e o apoio da grande maioria dos homens conscientes quanto à importância de dividir o espaço com o público feminino para equilibrar o jogo (Brant; Machado; Moraes, 2022, s. p.)

Para a campanha de Tebet, ela se mostrou firme em diversos assuntos e foi beneficiada pela postura misógina de Bolsonaro. O presidente afirmou que a jornalista Vera Magalhães dorme pensando nele e que tanto ela como a senadora são "uma vergonha" (Machado, 2022b, s. p.)

Os trechos apresentados reforçam o repertório interpretativo identificado e comprovam que, seja por um grau de parentesco ou devido a um apoio político, a figura do homem sempre está presente na narrativa sobre as mulheres e são eles que levam os créditos por suas conquistas. E para a Folha de S. Paulo, até mesmo a “postura misógina” de um candidato à reeleição é uma forma de beneficiar a mulher que concorre a mesma vaga.

4.3.3 Mulheres são confusas e nervosas

Seja homem ou mulher, qualquer pessoa pode ser surpreendida por uma pergunta que exija detalhes ou explicações mais complexas. Porém, quando uma mulher não responde algo da forma como se espera ou não atende as expectativas, as matérias veiculadas no site da Folha de S. Paulo fazem questão de ressaltar isso utilizando construções como “sem dar detalhes”, “não especificou”, “tem dificuldades para explicar”.

Tebet também voltou a falar que seu programa social terá um valor mínimo para a fatia miserável e depois será dividido em faixas, sem dar detalhes (Machado, 2022a, s. p.)

A parlamentar lembrou que o novo marco do saneamento, aprovado no Congresso, vai possibilitar a universalização do saneamento básico no Brasil. Tebet afirmou que vai antecipar o prazo previsto para isso, mas não especificou qual seria (Machado, 2022a, s. p.)

Tebet foi cobrada pelos apresentadores pela falta de detalhamento em seu programa na área econômica. Ela respondeu a essas perguntas sem conseguir explicar como pretende atingir metas presentes em seu plano de governo, como a erradicação da pobreza (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Ela foi questionada em diferentes momentos pelos apresentadores sobre como pretende atingir as metas apresentadas em seu plano de governo. A senadora, que é assessorada por uma equipe de economistas liberais,

tergiversou nas respostas e por vezes desviou do assunto, sem detalhar os números cobrados pelos entrevistadores (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Tebet montou uma equipe econômica de caráter extremamente liberal. Defende o teto de gastos e privatizações, com exceção da Petrobras e de bancos públicos. Tem, ainda, dificuldades para explicar como manterá benefícios sociais nessas condições (Machado, 2022c, s. p.).

Em uma entrevista, qualquer pessoa está sujeita a ficar nervosa ou não conseguir detalhar o Plano de Governo, que por sinal é um documento extenso, escrito por diversas pessoas e que tenta abranger todas as áreas que merecem atenção e intervenção do poder público. Porém, quando um homem não dá algum esclarecimento, isso não é inserido claramente na matéria assim como ocorreu com as candidatas mulheres.

Outro ponto identificado nas matérias e que interpretamos como uma forma de descredibilizar as candidatas é ressaltar que elas mudaram de opinião e que, por isso, são pessoas contraditórias, incoerentes e que não merecem a confiança dos eleitores, por exemplo:

Vale lembrar, a título de contexto, que Simone Tebet foi a favor do impeachment da presidenta Dilma e que ambas votaram em Bolsonaro em 2018, embora as duas hoje se coloquem como opositoras ao atual governo (Hermann, 2022, s. p.)

De que vale seu feminismo quando até a metade do mandato de Bolsonaro ela votou com o governo em 86% das matérias no Senado? De que vale quando mulheres se tornam um bloco concreto de ouro —monolítico, reduzido e silenciado, mas desejado por todos os presidenciáveis? (Amparo, 2022, s. p.)

Soraya ficou conhecida por atuar em movimentos de rua contra o PT, organizando passeatas pelo impeachment de Dilma Rouseff, e por promover ações contra políticos (Folha de S. Paulo, 2022a, s. p.)

Chegou a ser vice-líder do governo Bolsonaro, mas começou a entrar na mira de bolsonaristas radicais durante a CPI da Covid, quando não endossou a estratégia do governo de desviar o foco da investigação. Mais recentemente, foi contra a gestão Bolsonaro e assinou o requerimento da CPI para investigar corrupção no Ministério da Educação (Folha de S. Paulo, 2022a, s. p.)

No debate entre os presidenciáveis, chamou a atenção quando a sra. disse que sabia muita coisa sobre Bolsonaro. O que a sra. sabe? Um legislador legisla e fiscaliza. Cada questão que eu fiscalizo, eu mando para o órgão competente. Tem muita coisa tramitando no TCU [Tribunal de Contas da União], no Ministério Público. Então eu soltei um simples fato de bastidor, que não significa necessariamente um crime ou nada desse tipo. Tem coisas que a gente pode revelar, mas tem coisas que a gente tem que deixar para os órgãos (Linhares; Machado, 2022, s. p.)

O objetivo das matérias nesses trechos é colocar as candidatas como pessoas influenciáveis e que mudam de opinião facilmente porque ambas apoiaram Bolsonaro nas

eleições de 2018, foram base de seu governo por um determinado tempo, mas por não concordarem com as ações de seu mandato se tornaram oposição. E tanto Simone Tebet como Soraya Thronicke são questionadas e precisam dar a mesma explicação várias vezes.

Em 2018 eu me elegi, sim, com apoio do Bolsonaro, trabalhei para ele, votei nele. Mas como milhares de brasileiros, eu também mudei de opinião, depois que vi as barbaridades na condução da pandemia, na maneira desrespeitosa como ele trata as mulheres, nas denúncias de escândalos de corrupção da família e dos amigos", diz a candidata, em peça de propaganda que vai ao ar neste sábado (10). Soraya também rebate as insinuações de que estaria sendo indiretamente linha auxiliar de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). "Sou absolutamente contra o PT e contra o Lula, seu maior líder", diz ela, lembrando que iniciou sua militância política no Mato Grosso do Sul defendendo a saída do PT do poder (Zanini, 2022a, s. p.)

Muita gente que deixou de ser bolsonarista se tornou alvo de militância nas redes sociais, mas não só nelas. Como tem sido a sua experiência? Eu nunca fui bolsonarista. Eu apoiei Bolsonaro. Eu fui anti-PT. Mas Bolsonaro não tem uma filosofia que eu tenha algum dia abraçado. A filosofia que eu abracei, e que Bolsonaro disse ter abraçado, é a de uma direita racional, consciente (Linhares; Machado, 2022, s. p.)

Nos últimos 20 anos Geraldo Alckmin foi oposição ao PT, defendia valores contrários ao da esquerda e no pleito de 2022 ele se tornou vice-presidente de Lula. Uma parceria inusitada e que também demonstra que pessoas mudam de ideias e convicções. Uma questão a ser levantada é se o Alckmin foi questionado tantas vezes sobre a alteração em seu posicionamento ou se essa modificação é vista como algo positivo. Se a situação acontece com um homem, parece não ser um problema, mas se acontece com uma mulher, então ela não é confiável.

Situação similar acontece também com a única matéria em que a candidata Vera Lúcia é protagonista, pois é mencionado que ela já fez parte da militância do PT e que hoje faz críticas ao ex-partido.

Nascida em Inajá (PE), é costureira de sapatos e formada em ciências sociais. Em 2004, fundou a Central Sindical e Popular. Antes de entrar no PSTU, militou no PT. Ela critica a possibilidade de o ex-partido voltar ao poder e contesta a chapa de Tebet, a quem chama de defensora dos interesses ruralistas

"Como pode uma mulher dessas corresponder a necessidades que são nossas? Somos vítimas inclusive da exploração e da opressão da classe que ela representa." Vera Lúcia defende a legalização do aborto (Brant; Machado; Moraes, 2022, s. p.)

Identificamos também que o fato de Soraya Thronicke ter apoiado o impeachment de Dilma Rousseff recebe certo destaque nas matérias em que ela é protagonista.

Além disso, Soraya é da geração de políticos que ganharam notoriedade e iniciaram sua militância nos protestos contra a presidente Dilma Rousseff (PT). Em seu estado, organizava passeatas e subia em caminhões para discursar contra a petista. A advogada aproveitava viagens de trabalho a Brasília para ir ao Congresso e pedir apoio para o impeachment de Dilma (Brant; Machado, 2022, s. p.)

Participou dos protestos contra corrupção e contra a presidente Dilma Rousseff (PT), tornando-se conhecida regionalmente (Brant; Machado, 2022, s. p.)

Os posicionamentos da candidata também são alvos de questionamentos, por exemplo: Como uma mulher que se diz de direita pode também ser feminista? Seria essa uma pessoa confiável para ser a autoridade máxima de uma nação?

Quando a senadora Simone Tebet se apresentou como feminista, ela se colocou na mesma posição que outros candidatos de esquerda ocupam: a de quem é contrário aos valores familiares por defender o divórcio e a legalização do aborto (Spyer, 2022, s. p.)

Mulher considerada combativa e com experiência política tanto no Legislativo como em cargos executivos, Tebet busca convencer os eleitores de que representa o novo — apesar de integrar as filas de um dos partidos mais tradicionais da política brasileira (Machado, 2022c, s. p.)

Outro ponto que chamou atenção foi que o jornal destacou trechos em que uma candidata desabona outras mulheres, colocando-as como pessoas que “desconhecem” o sistema eleitoral e descredibilizando o trabalho desenvolvido pelas adversárias.

Tebet disse que atualmente mulheres não votam em mulheres porque ainda desconhecem os quadros que disputam as eleições. "A mulher vota em mulher, se souber que tem uma mulher competitiva, corajosa, que trabalha." (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

A economista afirma que, com exceção dela e de Vera Lúcia, "as outras candidatas estão muito mais se aproveitando do fato de serem mulheres do que pautando a luta feminista nas eleições" (Brant; Machado; Moraes, 2022, s. p.)

4.3.4 Mulheres são diferentes dos homens e precisam de um tratamento especial

“Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”, é o que diz a Constituição Federal de 1988. Porém, a vivência diária mostra que isso está longe de ser uma verdade absoluta e que mulheres e homens são tratados de forma diferente.

Foi também a condição de gênero que nos mostrou um Bonner mais delicado que nas sabatinas anteriores, preocupado em não interromper a entrevistada e

atento a cada palavra usada nas réplicas que buscavam mais precisão nas explicações da candidata (Padiglione, 2022, s. p.)

E a norma costuma ser mais cruel com mulheres, de quem o machismo estrutural cobra mais equilíbrio emocional. Basta dizer que homem, quando chora, é aplaudido. Já a mulher, quando verte uma lágrima, é vista como frágil (Padiglione, 2022, s. p.)

O trecho da matéria diz que o apresentador William Bonner mudou seu comportamento ao entrevistar uma mulher candidata à presidência e que a sua postura com os homens foi diferente. O mito da imparcialidade jornalística caiu por terra já faz um tempo, mas qual a razão de sua postura mais “delicada”? Todos os candidatos deveriam receber o mesmo tratamento e o “equilíbrio emocional”, assim como o desempenho de cada um, seria analisado pelos eleitores ao final da entrevista.

Simone Tebet buscou se diferenciar de outros integrantes do MDB que foram acusados e condenados por corrupção (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Sua equipe ressalta que ela é ficha limpa e não responde por episódios de corrupção (Machado, 2022c, s. p.)

Simone Tebet ressaltou o fato de ser uma candidata mulher e que por isso terá um outro olhar para governar o país (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Eles afirmam também que a candidatura de Tebet busca marcar uma mudança no MDB, que tenta construir imagem que afaste o partido de figuras como o ex-presidente Michel Temer e os ex-senadores Romero Jucá e Eunício Oliveira, cujos nomes foram envolvidos em escândalos (Zanini, 2022c, s. p.)

Para críticos, a União Brasil teria apostado numa candidatura fantoche, e a indicação de Soraya teria ainda a conveniência de preencher a cota feminina do partido (Brant; Machado, 2022, s. p.)

Nos trechos destacados, as mulheres são usadas como recurso para melhorar a imagem do partido, se diferenciar dos homens envolvidos em corrupção ou simplesmente para atender uma cota estabelecida pela lei. O machismo, o preconceito e os estereótipos sobre a figura feminina na política estão presentes na mídia.

[Débora] Então, quando você pergunta para eles: ah, você acha que deve votar em mulher? Tudo que aparece é o sexismo benevolente. "Eu vou votar em mulher porque mulher é mais honesta", "porque mulher cuida", "porque mulher embeleza política," "mulher faz da política mais leve". Essas coisas aparecem quando se pergunta para o eleitorado. Quantas vezes você já não ouviu algum homem dizer que a mulher abrilhanta o ambiente, ou que as mulheres são naturalmente mais sensíveis, tudo isso como se fosse elogio? Eu, pelo menos, cansei de ouvir isso no Congresso (Folha de S. Paulo, 2022b, s. p.)

[A mulher] tem que ter uma força maior [na política]. Para se impor, tem que estudar em dobro. Falei na tribuna que somos muito bem tratadas no Senado. Mas não nos dão relatorias de poder. Isso ainda é muito velado, e isso é machismo (Linhares; Machado, 2022, s. p.)

Conforme apresentado no referencial teórico, há pesquisas que indicam que nos locais onde as mulheres ocupam mais cargos públicos o índice de corrupção é menor. Contudo, não é correto generalizações. Existem homens na política que são honestos e mulheres que são corruptas. E é possível enxergar uma outra contradição: mesmo as mulheres, na teoria, sendo mais honestas, o depoimento da senadora Soraya revela que elas não conseguem relatorias no Senado. E até a tentativa de elogiar as características atribuídas exclusivamente às mulheres como a sensibilidade e o cuidado com o próximo, se observada com mais atenção, chega-se à conclusão de que no fundo não é um elogio, e sim uma forma de desqualificar as mulheres.

4.3.5 Mulheres são engraçadas e histéricas

Os memes são uma das novas linguagens da internet. Seja imagem, vídeo ou áudio, o que cai na rede pode viralizar rapidamente e ser visto como uma fonte de humor. É o que aconteceu com a candidata Soraya Thronicke quando ela confrontou Bolsonaro e fez referência a uma novela que passava no horário nobre da Rede Globo durante o período eleitoral.

Soraya Thronicke, autointitulada "mulher-onça", controlou o comportamento histriônico revelado no debate da Band. Enfim felina, a senadora tentou parecer viável nos generosos dois minutos e dez segundos dados pelo seu partido, o União Brasil (Zeitel, 2022, s. p.)

Aposentando o gestual agressivo, Thronicke vestiu um casaco de couro ao modo dos personagens da novela "Pantanal" e se sentou em frente a um televisor que transmitia discursos de Lula e Bolsonaro (Zeitel, 2022, s. p.)

E Thronicke, desconhecida pela maioria dos eleitores, marcou presença com frases de efeito. Pediu que reforçassem sua segurança, depois de ameaçar revelar segredos comprometedores (mas não revelou nenhum), e disse ser capaz de virar onça, como a Juma Marruá da novela "Pantanal" (Goes, 2022, s. p.)

"Vara curta" entrou para os assuntos mais comentados do Twitter e rendeu memes após a senadora Soraya Thronicke (União Brasil) dizer para o presidente Jair Bolsonaro (PL) não cutucar a onça com "vara curta" no debate entre candidatos à Presidência no SBT, neste sábado (24). "Não cutuque a onça com a sua vara curta. Respeito", disse a senadora a Bolsonaro arrancando risadas no estúdio. Soraya respondia a um direito de resposta após o presidente dizer que ela e Simone Tebet não votaram a favor da derrubada do veto do orçamento secreto (Folha de S. Paulo, 2022c, s. p.)

No momento mais acalorado do debate, a emedebista apontou o dedo para o presidente e disse: "Não tenho medo de você e de seus ministros" (Machado, 2022b, s. p.)

Simone Tebet e Soraya Thronicke se juntaram para aproveitar os holofotes, quase formando a dupla Presidencianeja Simone e Soraya (Hermann, 2022, s. p.)

Tanta misoginia abre mesmo espaço para Simone Tebet, do MDB, angariar o apoio das mulheres. Salvo Thronicke, a mulher-onça, ela é a única notícia da eleição. Eloquente, Tebet —ou "a Simone", como prefere ser chamada— fez Bolsonaro de "tchutchuca" na Band. Numa linguagem documental bem amadora, ela é apresentada no horário político como uma cidadã a serviço do país. Tebet é filmada dirigindo um carro, enquanto repassa sua biografia. Cheia de boas intenções, ela aparece entusiasmada numa visita a uma escola de balé na periferia. Ouvindo mulheres de baixa renda, tenta atrair o eleitorado feminino de modo insistente, senão enfadonho. Ao cabo da corrida eleitoral, é certo que Tebet terá importância política bem maior, algo trabalhado desde sua atuação como uma das "estrelas" da CPI da Covid. Enquanto isso, ela tenta se transformar na pessoa mais legal do planeta. (Zeitell, 2022, s. p.)

O humor é um dos recursos que um político pode utilizar para se aproximar dos eleitores e mostrar um lado mais humano. A popularização das redes sociais difundiu o hábito de expor a vida pessoal e até mesmo as dancinhas são capazes de mobilizar internautas e cativar eleitores. Porém, durante um debate entre os candidatos à presidência da República, espera-se uma postura séria, sóbria e que o único objetivo dos participantes seja apresentar propostas e projetos para melhorar a vida da população.

A forma como o jornal descreveu os acontecimentos passa para o leitor a sensação de falta de seriedade e maturidade nas candidatas e que elas têm posturas infantis e amadoras. O que sem dúvida alguma, não é nada positivo para romper estereótipos ou aumentar a representatividade feminina na política.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O objetivo geral da presente pesquisa foi o de explorar os repertórios interpretativos da versão online do jornal Folha de S. Paulo sobre as mulheres candidatas à presidência da República nas eleições de 2022. Para isso, foi feito um levantamento com todas as matérias veiculadas durante o período eleitoral, que ocorreu entre os dias 16 de agosto e 30 de setembro daquele ano, em que são citados os nomes das quatro mulheres que disputaram o pleito: Simone Tebet (MDB), Sofia Manzano (PCB), Soraya Thronicke (União Brasil) e Vera Lúcia (PSTU).

Após o levantamento, as matérias foram divididas em categorias e só fizeram parte do corpus da pesquisa o conteúdo em que as candidatas são apresentadas como protagonistas, pois considerou-se que estes seriam os mais relevantes para o estudo.

O primeiro objetivo específico da dissertação é identificar as temáticas veiculadas a estereótipos atribuídos às mulheres e observou-se que os estereótipos relacionados ao cuidado, à inferioridade e ao temperamento foram utilizados nos cinco repertórios interpretativos identificados.

Conforme apresentado no referencial teórico, a palavra estereótipo geralmente está atrelada a algo preconceituoso e são frutos de crenças compartilhadas a respeito de determinados entes sociais (Pereira, 2019).

As representações das mulheres encontradas no jornal Folha de S. Paulo comprovam que as imagens das mulheres veiculadas vão quase sempre ao encontro das representações estereotipadas (Mota-Ribeiro, 2005). E isso não é um fenômeno contemporâneo porque acontece desde a primeira representação da mulher que conhecemos: Eva. Além de ter sido criada depois do homem, o que já a coloca em uma posição inferior, ela recebeu toda a responsabilidade por ter cedido a tentação, comido o fruto proibido e colocado fim ao paraíso.

Na sociedade medieval, o lugar ocupado pela mulher continuava sendo o da passividade, de submissão aos homens e elas só passaram a frequentar os espaços para além do lar devido à necessidade de mão de obra nas indústrias da sociedade capitalista (Chagas; Chagas, 2017). E mesmo com o século XX trazendo alterações importantes na vida das mulheres, como a entrada ao mercado de trabalho, a autonomia civil, o direito ao voto e o acesso à pílula anticoncepcional (Godoy; Costa, 2027; Possenti, 2007), em pleno 2024 as representações sobre as mulheres raramente rompem com as definições tradicionais ou alteram as desigualdades na construção de gênero (Mota-Ribeiro, 2005).

Em relação ao contexto sócioeconômico-político, podemos dizer que a situação do país em 2022 não estava favorável. A pandemia da Covid-19, que assolou o mundo em 2020 e 2021 e fez milhões de vítimas, deixou seus reflexos na economia e na sociedade. A população brasileira assistiu a uma polarização política jamais vista em sua história e isso fez com que os casos de violência se multiplicassem. Altas taxas de desemprego, de pessoas passando fome, aumento da inflação, do desmatamento, divulgação de *fake news*, mobilizações antidemocráticas e uma crise política instalada onde até a integridade das urnas eletrônicas foi questionada. A junção desses fatores fez com que o pleito para presidente de 2022 fosse considerado o mais acirrado desde a redemocratização. É válido lembrar também que além do chefe do executivo nacional, nas eleições daquele ano a população brasileira escolheu os governadores, senadores, deputados federais e estaduais .

Outro marco neste pleito foi o recorde na participação das mulheres na disputa pelo Palácio do Planalto. Além das quatro candidatas que fazem parte deste estudo, havia também a senadora Mara Gabrilli, vice-presidente de Simone Tebet; Raquel Tremembé, vice de Vera Lúcia; Ana Paula Matos, vice de Ciro Gomes e Samara Martins, vice de Léo Péricles.

Como já demonstrado, a Folha de S. Paulo é um dos veículos mais tradicionais do Brasil e os repertórios interpretativos identificados são um reflexo das opiniões e do pensamento da própria sociedade. São as mensagens transmitidas pelos meios de comunicação que são interpretadas, dotadas de sentido pelas pessoas e é nesse processo que acontece a divulgação das representações sociais e estereótipos acerca do feminino (Mota-Ribeiro, 2005).

Mais do que transmitir a linguagem e as representações, a comunicação “engaja os processos de interação social, influência, consenso e dissenso e polêmica” (Jodelet, 2001, p. 13). Por serem consideradas uma espécie de teoria do senso comum (Santos, 2013), as representações raramente rompem com as definições tradicionais ou alteram as desigualdades das construções de gênero (Mota-Ribeiro, 2005).

Aliado à questão social e cultural, é importante salientar que há ainda um aspecto prático que diz respeito à gestão dos meios de comunicação. Os grandes veículos de mídia de massa são monopolizados por poucos cidadãos (Couto; Stein; Martins, 2016, p. 14) e as mulheres muito raramente ocupam os cargos de alto escalão das empresas de mídia (Mota-Ribeiro, 2005). No caso da Folha de S. Paulo não é diferente. O responsável pela

publicação de conteúdo é um homem (Luiz Frias) assim como o diretor de redação (Sérgio Dávila)².

Devido à grande influência que os meios de comunicação ocupam, podemos perceber que as mensagens propagadas por ele podem sim influenciar a opinião das pessoas sobre diversos temas, inclusive, na escolha do candidato à presidência. E se as mulheres que pleiteiam ao cargo mais alto de poder são representadas de forma preconceituosa e negativa, as barreiras enfrentadas pelas candidatas a cargos políticos no Brasil ficam ainda mais difíceis de serem rompidas.

Identificar os padrões e similaridades utilizados em relação às candidatas analisadas é outro objetivo e constatou-se que mesmo o corpus sendo composto apenas por matérias em que as mulheres são vistas como protagonistas, as figuras masculinas sempre se fazem presentes.

Outro ponto em comum nas matérias sobre as candidatas é que suas atuações e seu desempenho recebem um tipo de desabono ou inferiorização. Atribuir o sucesso de uma mulher como só sendo possível graças à participação ativa de um homem pode sim ser considerado um tipo de violência.

O gênero é produto da socialização e da vivência (Calás; Smircich, 1999, p. 276) e é um campo “por meio do qual, o poder é articulado” (Scott, 1995, p. 86). Ou seja, o gênero legítima, produz as relações sociais sendo que a “política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (Scott, 1995, p. 89). E a ausência ou a inferioridade das mulheres nos espaços formais da política pode ser apontada como uma das consequências da cultura de gênero construída ao longo dos anos.

Além disso, o atraso na concessão do direito ao voto para as mulheres, por exemplo, também influencia na baixa participação feminina nos espaços de poder e criou-se uma barreira entre o ser mulher e a política (Couto, 2012). As mulheres merecem e são capazes de ocupar um papel que seja além que o de primeira-dama e são capazes de assumir papéis de liderança mesmo com os preconceitos ligados ao gênero (Rodrigues e Silva, 2015).

A partir do momento em que as mulheres reivindicam maior participação é porque entenderam que é necessário o respeito pela dignidade e pela diversidade (Kurzawa, 2003). O poder político tem sido concebido, legitimado e criticado pelo gênero e “não apenas faz

² Expediente Grupo Folha. Disponível em:

<[https://www1.folha.uol.com.br/institucional/expediente.shtml#:~:text=Diretoria%2Dexecutiva%3A,e%20Marelo%20Benez%20\(comercial\)>](https://www1.folha.uol.com.br/institucional/expediente.shtml#:~:text=Diretoria%2Dexecutiva%3A,e%20Marelo%20Benez%20(comercial)>). Acesso em: 4 de fev. de 2024.

referência ao significado da oposição homem/mulher; ele também o estabelece” (Scott, 1995, p. 92). Infelizmente, o poder público ainda é predominantemente masculino.

E a partir do momento que as mulheres ocupam cargos formais de poder, o trabalho delas não deve acontecer em prol das causas consideradas femininas, como as questões sociais, por exemplo. As mulheres devem marcar presença nas *hard politics*, que são os temas que envolvem mais recursos, poder e prestígio político (Couto, 2012).

A igualdade de fato está longe de ser uma realidade e a partir dos repertórios interpretativos identificados nas matérias, foi possível ver na prática as abordagens teóricas sobre as mulheres expostas no referencial teórico. Analisar de que modo esses repertórios são utilizados, para quê e o contexto em que foram produzidos é o último objetivo específico desta dissertação.

Além do papel de transmitir informações para a população, percebeu-se que os veículos de comunicação têm a capacidade de propagar e fortalecer estereótipos. A maneira como um assunto ou tema são falados ou tratados pela imprensa estabelece os repertórios, que assim como a desigualdade de gênero, não surgem espontaneamente.

O primeiro repertório identificado foi o que veicula a imagem da mulher ao “coração de mãe”. Apesar do termo ser considerado uma forma de aproximar as candidatas com as eleitoras, uma outra parcela acredita que essa imagem reduz as mulheres e reforça estereótipos. E esse tipo de percepção, que desaprova a utilização do termo, é um reflexo das ações de conscientização promovidas pelo movimento feminista e que estão ganhando espaço aos poucos.

É interessante perceber que as duas candidatas mais bem classificadas no pleito utilizaram estratégias diferentes. As matérias mostraram que Simone Tebet optou por intensificar o discurso de ser mulher, mãe, enquanto Soraya Thronicke não mencionou essas características.

O segundo repertório, também amplamente encontrado nas matérias, é inferiorizar a capacidade das mulheres e inserir a figura de um homem para que ela obtenha sucesso ou alcance o objetivo pretendido. No caso da candidata Simone Tebet, seu pai é mencionado como um político influente, importante dentro do partido e que ele teve papel crucial para que ela ingressasse nesse meio. A trajetória política de seu pai, a presidência do Senado que ele ocupou são citadas quando o jornal traz a biografia de Simone.

Demais homens do meio político também são mencionados como importantes para a trajetória da candidata como o então governador de São Paulo, Rodrigo Garcia e João Dória, que se estivesse concorrendo ao pleito no lugar de Simone estaria em terceiro lugar nas

pesquisas eleitorais, atrás apenas de Lula e Bolsonaro. E até mesmo o bom desempenho da candidata na entrevista ao Jornal Nacional é porque ela aprendeu como se portar com Lula, que participou do programa no dia anterior.

Já o homem que é inserido nas matérias de Soraya Thronicke é Bolsonaro. De forma clara e repetida, a sua vitória como senadora nas eleições de 2018 só aconteceu porque ela se filiou ao partido dele e aderiu ao bolsonarismo. Esse repertório identificado é visto como uma forma de desvalorizar a trajetória das candidatas.

O terceiro repertório representou as mulheres como pessoas incapazes de explicar propostas, números, seu próprio Plano de Governo e isso foi feito de forma explícita com utilização de termos “não explicou” e “sem dar detalhes”. Além de transmitir a imagem de que elas são incompetentes para ocupar o cargo de maior importância na política brasileira, deixam elas descredibilizadas.

Outra característica mencionada que aumenta ainda mais a barreira para inserir as mulheres na política é dizer que as candidatas são contraditórias e que mudaram de opinião. Tanto Simone Tebet como Soraya Thronicke apoiaram Bolsonaro nas eleições de 2018 e nas eleições ambas se tornaram adversárias dele.

As situações mudam, as pessoas também, assim como as opiniões. Quem acompanha a política brasileira nos últimos 20 anos, possivelmente não apostaria que um dia poderia existir uma chapa formada por Lula e Geraldo Alckmin e, ainda, vencedora.

Apoiar uma pessoa nas eleições está longe de significar que iremos concordar integralmente com todas as suas ações e propostas. Durante o pleito, a escolha do candidato acontece por aquele que temos maior identificação. Assim como na vida pessoal, mesmo amando familiares, amigos, parceiros, é impossível que concordemos com todas as ações.

Contudo, quando a mudança de opinião vem por parte de uma mulher, isso é questionado inúmeras vezes e colocado como se ela fosse uma pessoa influenciável e não confiável. Se em um primeiro momento elas apoiaram o impeachment de Dilma, depois Bolsonaro e agora fazem oposição a ele, elas seriam dignas de receber a confiança do eleitor? Até mesmo a candidata Vera Lúcia, que é protagonista em apenas uma matéria, tem em sua trajetória o fato de já ter feito parte da militância do PT e que hoje faz críticas ao ex-partido.

Dentro do terceiro repertório, observou-se também que o jornal fez questão de colocar trechos que teriam sido ditos pelas candidatas em que elas próprias depreciavam o trabalho e a trajetória das outras.

O quarto repertório identificado é o que representa as mulheres como sendo diferentes dos homens e que precisam de um tratamento especial. O próprio âncora do Jornal Nacional

teria tido uma postura mais “delicada” durante a entrevista com Simone Tebet e a tratou de forma diferente dos candidatos que também fizeram parte da sabatina.

Em outros trechos destacados, as mulheres são usadas como artifício para melhorar a imagem do partido, para diferenciá-las dos homens que se envolveram em casos de corrupção ou simplesmente como pessoas que entram no meio político apenas para que o partido cumpra a cota mínima estabelecida em lei.

O quinto e último repertório identificado é que as mulheres são engraçadas, histéricas e que por isso, viram memes. À primeira vista, se tornar um meme pode ser considerado positivo porque pode fazer com que uma pessoa saia do anonimato e passe a ser conhecida pelas pessoas. Mas se tratando de uma disputa presidencial, o meme não tem um papel positivo.

Durante um debate entre os candidatos, Soraya Thronicke fez referência a mulher-onça, personagem de uma novela que passava naquele momento no horário nobre da TV Globo. E a partir de então, até o casaco de couro que ela usou para se vestir em um de seus programas eleitorais era uma forma de remeter aos personagens da novela.

Percebeu-se que as ações das candidatas passaram a ser vistas de forma caricata. O fato de Simone e Soraya confrontarem Bolsonaro sobre suas falas misóginas, foi descrito como a formação de uma “dupla Presidencianeja”.

É inquestionável que esse tipo de construção textual não é capaz de passar uma imagem de que as candidatas são pessoas sérias, competentes, capazes de resolver os problemas que assolam a população brasileira e que merecem a confiança do eleitor para receber o seu voto.

Ao colocar as mulheres como figuras bondosas, com “coração de mãe”, dependentes dos homens e inferiores a eles, que não têm a capacidade de explicar assuntos sérios com propriedade, com necessidade de receber um tratamento diferente e que são engraçadas, os preconceitos e estereótipos são reforçados.

Finalizada a discussão dos resultados, o capítulo seguinte será composto com as considerações finais desta dissertação juntamente com suas principais contribuições, limitações e sugestões para pesquisas futuras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desigualdade de gênero na política é um problema crônico na sociedade brasileira e se em um dos veículos mais tradicionais do país as mulheres são tratadas de forma inadequada, podemos concluir que este é um reflexo do pensamento construído de forma coletiva. A atuação da Folha de S. Paulo não contribui para que esse cenário seja alterado, muito pelo contrário, as matérias veiculadas pelo jornal só reforçam os estereótipos atribuídos às mulheres ao longo dos anos, ampliam preconceitos e reforçam a ideia de que a mulher não tem a mesma capacidade dos homens para assumir cargos públicos de relevância.

As pessoas só consomem um determinado conteúdo se elas se identificarem com ele e através de um olhar crítico, o compromisso desta pesquisa foi o de ir além dos significados considerados óbvios e buscar as entrelinhas. Ao visualizar as matérias de forma múltipla e crítica, percebe-se que os textos foram escritos a partir de uma cultura machista enraizada e que as consequências disso são diversas: desde a sobrecarga das mulheres nas tarefas domésticas até a baixa participação feminina nos espaços formais de poder.

O conteúdo veiculado pela mídia apenas reproduz os valores e ideais daquela cultura e, dessa forma, contribui para sua perpetuação. O que está escrito nas entrelinhas de uma notícia, o uso de certas palavras e expressões faz com que a chegada das mulheres em cargos públicos encontre ainda mais barreiras.

Entretanto, da mesma forma que a mídia colabora para a manutenção, ela poderia também contribuir para a transformação do cenário. E um dos caminhos apontados para alcançar a mudança seria a divulgação de imagens mais positivas, rompendo as definições tradicionais, quebrando estereótipos e fazendo com que as mulheres chegassem aos altos cargos das empresas de comunicação.

O gênero legitima as desigualdades sociais e como diz Scott (1995) “a política constrói o gênero e o gênero constrói a política” (p. 89). É totalmente razoável dizer que a ausência de mulheres nos espaços formais de poder é sim uma das consequências da cultura de gênero construída ao longo dos anos. O poder público é predominantemente masculino, apesar das mulheres serem a maioria da população e do eleitorado. E uma das justificativas desse cenário é a exclusão histórica que tivemos na política e que tem efeitos até nos dias de hoje.

A inserção das mulheres na política ainda é um grande desafio e precisamos de políticas públicas que busquem a construção de uma sociedade realmente igualitária. A discrepância no número de homens e mulheres em cargos públicos afeta no desenvolvimento de políticas, e conseqüentemente, na qualidade de vida das brasileiras.

O conceito de democracia prevê a participação de todos os cidadãos. Se vimos que essa participação não acontece na realidade brasileira, será que de fato vivemos em uma democracia? É importante ressaltar que com as mulheres no poder não são apenas os assuntos de interesse feminino que devem ser trabalhados e abordados, elas também precisam falar e estar à frente da economia, da infraestrutura, da tecnologia e demais assuntos que na maioria das vezes ficam restritos aos homens.

Se a sociedade patriarcal e a cultura machista são frutos de uma construção da própria da sociedade, não há outra forma de buscar a mudança desse cenário que não seja através da educação, da disseminação de informações e da formação de novos profissionais mais conscientes e com visão crítica.

Mudanças comportamentais são extremamente complexas e demoram um certo tempo para serem concluídas. Mas se até hoje tantas alterações e melhorias já aconteceram na vida das mulheres, a modificação na forma como elas são representadas na mídia também será realidade um dia.

A presente dissertação promove uma análise da desigualdade de gênero, especialmente no campo político porque mostrou, através de exemplos reais, que a igualdade entre homens e mulheres, ainda é uma realidade distante de ser alcançada.

A análise das matérias veiculadas no site do jornal Folha de S. Paulo mostra que as construções de narrativas preconceituosas e estereotipadas não acontecem apenas “embaixo dos panos” ou são situações isoladas na vida de milhares de mulheres. Ainda é uma realidade constante e que de certa forma foi naturalizada.

Com o compromisso de buscar a promoção de um ambiente de paz e próspero a nível mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) elencou uma série de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) a serem trabalhados pelos gestores públicos nos próximos anos. Entre as metas citadas, uma delas diz respeito a igualdade de gênero, que se alcançada tem a capacidade de fortalecer a democracia, promover políticas mais inclusivas, igualitárias e reduzir a diferença entre homens e mulheres. A sub-representação feminina na política provoca falhas na idealização, construção e execução de políticas públicas (Florentino, 2018).

Dessa forma, como esta dissertação foca na problemática da desigualdade de gênero, especialmente na esfera política, o estudo tem potencial para estimular ações que possam contribuir para o alcance do ODS e estimular iniciativas que busquem a igualdade de gênero de forma concreta e efetiva.

Nesse contexto, os resultados desta pesquisa poderão auxiliar gestores e gestoras a incluírem na sua agenda de políticas públicas ações que beneficiem as mulheres no alcance da igualdade na representação política, de modo que as reivindicações voltadas ao público feminino sejam compreendidas e atendidas. O estudo é uma forma de potencializar a discussão das teorias feministas em articulação com a desigualdade política e pode estimular pesquisas mais potentes sobre as bases que sustentam as barreiras enfrentadas pelas mulheres candidatas a cargos políticos no Brasil.

Considerando tudo que foi apresentado no decorrer desta pesquisa, é imprescindível que o produto tecnológico a ser desenvolvido tenha o compromisso de auxiliar de forma prática no desenvolvimento de uma comunicação que faça a desconstrução e a ruptura das representações estereotipadas das mulheres.

O produto tecnológico elaborado é uma iniciativa para buscar a mudança na concepção que as pessoas têm sobre gênero, discurso, e visa que as pessoas sejam reconhecidas e valorizadas pelos meios de comunicação de uma forma não preconceituosa e livre de estereótipos.

O material didático contém instruções para a produção de conteúdos que estimulem a desconstrução e a ruptura das representações estereotipadas das mulheres. É uma iniciativa que tem o potencial de chegar aos canais de mídia e promover mudanças na forma como jornalistas e outros profissionais do setor se referem às mulheres.

Como limitações desta dissertação, podemos apontar que a análise foi feita apenas com um veículo de comunicação e pesquisas futuras podem fazer um estudo similar utilizando mais veículos. Outra possibilidade seria a de fazer um comparativo sobre a forma como os candidatos homens são apresentados e identificar se há repertórios interpretativos que os inferiorize ou desabonem sua imagem. Como este estudo está dentro do paradigma interpretativo, onde o pesquisador assume o papel de observador e intérprete da realidade, outros pesquisadores podem enxergar o corpus de outra forma e obter conclusões diferentes.

Sem sombra de dúvidas, o movimento feminista vem fazendo ao longo dos anos um trabalho de conscientização e questionamento sobre a representação feminina na mídia, mas a alteração desse cenário precisa tanto de ações dos homens como das mulheres. Conforme apresentado no corpus, muitas vezes as próprias mulheres questionam a capacidade uma da outra e não valorizam sua luta e seu trabalho.

A mudança de uma cultura enraizada é um processo difícil de ser modificado e nunca de fato será concluído, visto que a cultura está em constante transformação. Contudo, a expectativa em médio e longo prazo é de que os conteúdos com representações

preconceituosas e estereotipadas das mulheres sejam uma exceção e não a maioria. A mídia precisa mostrar a realidade: somos múltiplas, temos capacidade para assumir qualquer papel e conquistar qualquer posição. As oportunidades precisam ser iguais, as condições precisam ser iguais e iremos continuar batalhando por cada objetivo, empenhadas em conquistar um espaço cada vez maior. Os desafios são grandes, mas já provamos para a história que, com luta e coragem, conseguimos vencer todos eles.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. Novas regras eleitorais visam a menos fragmentação e mais diversidade. **Agência Senado**, 12 de ago. de 2022a. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/08/12/novas-regras-eleitorais-visam-a-menos-fragmentacao-e-mais-diversidade>>. Acesso em: 9 de abr. de 2023.

AGÊNCIA SENADO. Apesar de maior presença de mulheres na disputa ao Senado, bancada feminina diminui. **Agência Senado**, 3 de out. de 2022b. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/10/03/apesar-de-maior-presenca-na-disputa-ao-senado-bancada-feminina-reduz-tamanho>>. Acesso em: 9 de abr. de 2023.

AMPARO, T. De que vale o feminismo de Simone Tebet? **Folha de S. Paulo**, 31 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/thiago-amparo/2022/08/de-que-vale-o-feminismo-de-simone-tebet.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

ANDERSEN, M. **Thinking About Women: Sociological Perspectives on Sex and Gender**, 4ª edição, Nova Iorque: Macmillan Publishing, 1997.

ARAYA UMAÑA, S. A categoria analítica do gênero: Notas para uma discussão. **Hallazgos**, v. 12, n. 23, p. 287-305, 2015. <https://doi.org/10.15332/s1794-3841.2015.0023.14>

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BARRETO, E. Mulheres sofrem três vezes mais assédio sexual nas empresas do que os homens. **CNN Brasil**, Rio de Janeiro, 9 de nov. de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mulheres-sofrem-tres-vezes-mais-assedio-sexual-nas-empresas-do-que-os-homens/>>. Acesso em: 12 de abr. de 2023.

BERGAMO, M. Tebet e Soraya foram alvo de mais de 5.000 ofensas após debate, diz estudo. **Folha de S. Paulo**, 21 de set. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2022/09/tebet-e-soraya-foram-alvo-de-mais-de-5000-ofensas-apos-debate-na-band-diz-estudo.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. **Feminismo e política: uma introdução**. Boitempo Editorial, 2015.

BIROLI, F. Divisão sexual do trabalho e democracia. **Dados**, v. 59, p. 719-754, 2016. <https://doi.org/10.1590/00115258201690>

BOLDRINI, A. Debate mostra que agenda feminina ainda é vista como política de papo furado. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 29 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/debate-mostra-que-agenda-feminina-ainda-e-vista-como-politica-de-papo-furado.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

BOTELHO, L. R. L.; SCHERER, L. Mulheres no comando da gestão pública municipal na região das Missões, 2016. **VIII Simpósio Iberoamericano em comércio internacional, Desenvolvimento e integração regional**. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/campi/cerro-largo/repositorio-ccl/anais-viii-simposio-iberoamericano>

-de-cooperacao-para-o-desenvolvimento-e-a-integracao-regional/mulheres-no-comando-da-ge-stao-publica-municipal-na-regiao-das-missoes. Acesso em: 11 de maio de 2023.

BRAGA, J. Crescimento de Simone Tebet no Datafolha é mais expressivo no Sul. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 2 de set. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/09/crescimento-de-simone-tebet-no-datafolha-e-mais-expressivo-no-sul.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

BRANT, D.; MACHADO, R. Soraya, plano B da União Brasil, aposta em desafetos de Bolsonaro e farto tempo de TV. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 27 de ago. de 2022. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/soraya-plano-b-da-uniao-brasil-aposta-em-desafetos-de-bolsonaro-e-farto-tempo-de-tv.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

BRANT, D.; MACHADO, R.; MORAES, C. Mulheres fazem história com recorde de candidatas à Presidência, mas enfrentam desafios. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 29 de ago. de 2022. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/mulheres-fazem-historia-com-recorde-de-candidatas-a-presidencia-mas-enfrentam-desafios.shtml#simone-tebet-mdb-candidata-a-presidente>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Do ponto de vista da mulher: abordagens feministas em estudos organizacionais. In: **Handbook de estudos organizacionais**, v. 1, p. 275-329, 1999.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Novas regras incentivam a eleição de mulheres e negros para a Câmara dos Deputados. **Agência Câmara de Notícias**, 11 de ago. de 2022a. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/902263-NOVAS-REGRAS-INCENTIVAM-A-ELEICAO-DE-MULHERES-E-NEGROS-PARA-A-CAMARA-DOS-DEPUTADOS>>. Acesso em: 12 de abr. de 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Bancada feminina aumenta 18,2% e tem duas representantes trans. **Agência Câmara de Notícias**, Brasília, DF, 3 de out. de 2022b. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/noticias/911406-bancada-feminina-aumenta-18-e-tem-2-representantes-antes-trans/>>. Acesso em: 12 de abr. de 2023.

CASSIANI, S. H. De B.; CALIRI, M. H. L.; PELÁ, N. T. R. A teoria fundamentada nos dados como abordagem da pesquisa interpretativa. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 4, p. 75-88, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/4kYVcFy88CSrfBWYBPmRcYD/?lang=pt> Acesso em: 2 de nov. de 2023. <https://doi.org/10.1590/S0104-11691996000300007>

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Amp; Sociedade: Estudos**, 2014 24(1). Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10000>. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

CHAGAS, L.; CHAGAS, A. T. A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil. **Psicologia. pt—o portal dos psicólogos**, p. 1-8, 2017. Acesso em: 13 de jun. de 2023.

FERREIRA, F. E. No Brasil, uma mulher é vítima de violência a cada quatro horas. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 7 de mar. de 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/no-brasil-uma-mulher-e-vitima-de-violencia-cada-quatro-horas>>. Acesso em: 29 de jun. de 2023.

FIGUEIREDO, E. AS. Corrupção e Direitos Humanos: Uma Perspectiva de Género. **e-Publica**, v. 9, n. 2, p. 5-28, 2022.

FIRMINO, C. R.; SILVA, F. H. E. da; VIANA, P. H. de P. C. **Desigualdades de gênero no serviço público federal**, 2015. VIII Congresso CONSAD de Gestão Pública. Disponível em: <http://www.escoladegestao.pr.gov.br%20arquivos/File/2015/VIII_Consad/008.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

FLICK, U. **Introdução à Metodologia da Pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLORENTINO, K. Representatividade das mulheres na política, **Politize**, 18 de out. 2018. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/mulheres-na-politica/>>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

FOLHA DE S. PAULO. Veja quem é quem no debate presidencial deste domingo às 21h. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 28 de ago. de 2022a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/veja-quem-e-quem-no-debate-presidencial-de-ste-domingo-as-21h.shtml#quem-e-soraya-thronicke>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Podcast discute cotas para mulheres nestas eleições e machismo nos partidos. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 22 de set. de 2022b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/09/podcast-discute-cotas-para-mulheres-nestas-eleicoes-e-machismo-nos-partidos.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Soraya Thronicke diz para Bolsonaro 'não cutucar onça com sua vara curta' e rende memes. **Folha de S. Paulo**, 24 de set. de 2022c. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/09/soraya-thronicke-diz-para-bolsonaro-nao-cutucar-onca-com-sua-vara-curta-e-rende-memes.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

FOLHA DE S. PAULO. IVC muda cálculo para assinaturas; Folha é líder em circulação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 de ago. de 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/08/ivc-muda-calculo-para-assinaturas-folha-e-lider-em-circulacao.shtml#:~:text=Em%20julho%2C%20segundo%20os%20dados,vez%2C%20reflete%20a%20for%20C3%A7a%20digital>>. Acesso em: 9 de nov. de 2023.

G1. DJ Ivis faz 1º post após ser solto depois de agredir ex-mulher: 'Hora de seguir'. G1, 5 de nov. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/11/05/dj-ivis-faz-primeiro-post-apos-sair-da-prisao.ghtml>>. Acesso em: 4 de fev. de 2024

GRUPO FOLHA. Folha De S. Paulo, 2023. Disponível em: <<https://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 17 de maio de 2023.

GHIRALDELLI, G. Com 4 mulheres, eleições de 2022 terão recorde de candidatas à Presidência, **CNN Brasil**, São Paulo, 5 de ago. de 2022. Disponível em:

<<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/com-4-mulheres-eleicoes-de-2022-terao-recorde-de-candidatas-a-presidencia/>>. Acesso em: 12 de abr. de 2023.

GODOY, G.; COSTA, C. As representações do feminino no período compreendido entre os séculos XVII ao XIX pela ótica das imagens filmáticas. **Historiæ**, 8 (2), 155-170, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/7316>>. Acesso em: 2 de maio de 2023.

GOES, T. Com Lula apático e Bolsonaro descontrolado, mulheres assumem o protagonismo do debate. **Folha de S. Paulo**, 29 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2022/08/com-lula-apatico-e-bolsonaro-descontrolado-mulheres-assumem-o-protagonismo-do-debate.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

GONZALEZ, D. F. Entre público, privado e político: avanços das mulheres e machismo velado no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 151, p. 228-247, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053142850>>. Acesso em: 5 de jul. de 2023. <https://doi.org/10.1590/198053142850>

GONZALES, L. D. A representação da mulher contemporânea na publicidade: os jovens ditam as novas tendências. **Revista Observatório**, 4(1), 544-568, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p544>>. Acesso em: 2 de maio de 2023. <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p544>

HAWKESWORTH, M. Confundir el género. **Debate Feminista**, 20(10), 3-48, 1999.

HERMANN, R. Excelências, aprendam a respeitar as mulheres! **Folha de S. Paulo**, 30 de ago. 2022. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/rosana-hermann/2022/08/excelencias-aprendam-a-respeitar-as-mulheres.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p.17 - 44, 2001.

KELLER, Reiner. **O paradigma interpretativo: uma introdução**. Editora da PUCRS, 2023.

KURZAWA, L. L. P. **O Papel da Mulher na Gestão Pública**, 2003. Disponível em: <<http://arq.sefaz.ms.gov.br/age/artigostec/artigoluciane.pdf>>. Acesso em: 11 de maio de 2023

LENINE, E.; SANCA, N. Gênero, feminismo e diplomacia: analisando a instituição pelas lentes feministas das relações internacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 29, n. 100, p. 100-124, 2022. <https://doi.org/10.1590/1984-92302022v29n0004pt>

LINHARES C.; MACHADO, U. Bolsonaro abala democracia, mas voto útil é absurdo, diz Soraya Thronicke. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 de set. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/bolsonaro-abala-democracia-mas-voto-util-e-absurdo-diz-soraya-thronicke.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

LISBOA, T. K. Democracia de gênero: é possível um pacto entre as mulheres?. **O Social em Questão**, v. 20, n. 38, p. 23-37, 2017.

MACHADO, R. Tebet diz que aplausos a Moraes no TSE foram o maior recado a Bolsonaro. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 17 de ago. de 2022a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/tebet-diz-que-aplausos-a-moraes-no-tse-fora-m-o-maior-recado-a-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

MACHADO, R. Tebet quer reforçar enfrentamento com Bolsonaro após avaliação positiva em debate. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 31 de ago. de 2022b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/tebet-quer-reforcar-enfrentamento-com-bolsonaro-apos-avaliacao-positiva-em-debate.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

MACHADO, R. Tebet carrega histórico de choques com MDB e experiência no Legislativo e no Executivo. **Folha de S. Paulo**, Brasília, 28 de set. de 2022c. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/tebet-carrega-historico-de-choques-com-mdb-e-experiencia-no-legislativo-e-no-executivo.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

MAULE, M. T. Cuidado, partilha, resiliência: Princípio da igualdade e a violência de gênero. **Revista Teopraxis**, v. 38, n. 131, p. 103-113, 2021. Disponível em: <<https://revista.itepa.com.br/index.php/teopraxis/article/view/51/102>>. Acesso em: 2 de nov. de 2023. <https://doi.org/10.52451/teopraxis.v38i131.51>

MONTESANTI, B. Mulheres são 15% do novo Congresso, mas índice ainda é baixo. **UOL**, 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/08/mulheres-sao-15-do-novo-congresso-mas-indice-ainda-e-baixo.htm>>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

MOREIRA, R. L. C. de A. **Motherhoods: the interpretative repertoires used to describe them**. 2009. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

MOTA-RIBEIRO, S. **Retratos de mulher: Construções sociais e representações visuais do feminino**. Porto: Campo das Letras, 2005.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PADIGLIONE C. Oratória de Simone Tebet é melhor do que pareceu no JN. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/2022/08/oratoria-de-simone-tebet-e-melhor-do-que-pareceu-no-jn.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

PASSOS, R. de A. L. **A construção da agenda política na Folha de São Paulo: uma análise comparativa**. 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Porto, Porto, 2021.

PEREIRA, F. C.; Veríssimo, J. (2008). **A mulher na publicidade e os estereótipos de gênero**. In: Actas do 5º Congresso SOPCOM: Comunicação e cidadania (pp. 893-904). Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

PEREIRA, M. E. Esteriótipos na Publicidade: Como a psicologia social pode nos ajudar a identificá-los e evitá-los? In Leite, F., Batista, L. L. (Org.), **Publicidade Antirracista: Reflexos, Caminhos e Desafios**, (Cap. 3, pp. 87-110), 2019. São Paulo - SP: ECA - USP.

PIZZINATTO, A. K.; ACEVEDO, C. R. Representações femininas na mídia.. In: **SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO**, 13, 2010, São Paulo. Anais Eletrônicos... São Paulo: FEA/USP, 2010.

POSSENTI, S. Discurso Humorístico e Representações do Feminino (Humoristic Discourse and Female Representation). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 63-94, 2007. DOI: 10.22481/el.v5i1.1048. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosda_linguagem/article/view/1048>. Acesso em: 28 de abr. de 2023. <https://doi.org/10.22481/el.v5i1.1048>

POTTER, J.; WETHERELL, M. **Discourse and Social Psychology**. London: Sage, 1987

RODRIGUES, S. C.; SILVA, G. R. da. A liderança feminina no mercado de trabalho. Vol. 1. **Revista digital de Administração** Faciplac, 2015. Disponível em: <<https://ojs.uniceplac.edu.br/index.php/rea/issue/view/57>>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

SAFFIOTI, H. B. I. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Vozes, 2ª ed. 1979, coleção de Sociologia Brasileira, vol. 4. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3825626/mod_resource/content/1/Saffioti%20%281978%29%20A_Mulher_na_Soc_Classes.pdf>. Acesso em: 5 de maio de 2023.

SANTOS, B. C. dos. 5 dados sobre a participação das mulheres na política brasileira. **Politize**, 2017. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/participacao-das-mulheres-na-politicabrasileira/>>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

SANTOS, M. P. A teoria das representações sociais como referencial didático-metodológico de pesquisa no campo das ciências humanas e sociais aplicadas. **Rev Emancip**. 2013;13(1):9-21. <https://doi.org/10.5212/Emancipacao.v.13i1.0001>

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/257862/000037108.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 de maio de 2023.

SIQUEIRA, C. B. de; BUSSINGUER, E. C. de A. As ondas do feminismo e seu impacto no mercado de trabalho da mulher, São Paulo. **Revista Thesis Juris – RTJ**, v. 9, n. 1, p. 145-166, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/rtj.v9i1.14977>. Acesso em: 2 de nov. de 2023.

SMITH, M. **Research methods in accounting**. London: SAGE Publications, 2011.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teóricometodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. Edição virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013, p. 22 – 41. Disponível em: <https://www.academia.edu/37485408/SPINK_Mary_Jane_Pr%C3%A1ticas_Discursivas_e_Produ%C3%A7%C3%A3o_de_Sentido_no_Cotidiano>. Acesso em: 11 de maio de 2023.

SPYER, J. Elas estão à espreita. **Folha de S. Paulo**, 31 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliano-spyer/2022/08/elas-estao-a-espreita.shtml>>. Acesso de: 14 de jan. de 2022.

TOLEDO, Cecília. Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide. **Cadernos Marxistas**, 2001.

TRIBUNAL SUPERIOR DO TRABALHO. Lei da Igualdade Salarial: homens e mulheres na mesma função devem receber a mesma remuneração. **Justiça Do Trabalho**, Brasília, 10 de jul. de 2023. Disponível em: <<https://www.tst.jus.br/-/lei-da-igualdade-salarial-homens-e-mulheres-na-mesma-fun%C3%A7%C3%A3o-devem-receber-a-mesma-remunera%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 12 de abr. de 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Brasil tem mais de 156 milhões de eleitoras e eleitores aptos a votar em 2022. **TSE**, 15 de jul. de 2022. Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/brasil-tem-mais-de-156-milhoes-de-e-leitoras-e-eleitores-aptos-a-votar-em-2022-601043>>. Acesso em: 12 de abr. de 2023.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Eleição Geral Ordinária 2022. **TSE**, 4 de out. de 2022. Disponível em: <<https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao;e=e544/resultados>>. Acesso em: 12 de abr. de 2023.


VELASCO, C.; GRANDIN, F.; PINHONI, M. FARIAS, V. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas, **G1**, 8 de mar. de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>>. Acesso em: 2 de jul. de 2023.

ZANINI, F. Criticada por bolsonaristas, Soraya justifica na TV rompimento com presidente. **Folha de S. Paulo**, 9 de set. de 2022a. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/09/criticada-por-bolsonaristas-soraya-justifica-na-tv-rompimento-com-presidente.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

ZANINI, F. Em programa de TV, Soraya se apresentará como alternativa à polarização. **Folha de S. Paulo**, 26 de ago. de 2022b. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/08/em-programa-de-tv-soraya-se-apresentara-como-alternativa-a-polarizacao.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

ZANINI, F. Tebet aposta em entrevista no JN para melhorar desempenho nas pesquisas. **Folha de S. Paulo**, 21 de ago. de 2022c. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/08/tebet-aposta-em-entrevista-no-jn-para-melhorar-desempenho-nas-pesquisas.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

ZEITEL, G. Bolsonaro 'tchutchuca' e mulher-onça mostram crise no horário político. **Folha de S. Paulo**, 12 de set. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/09/bolsonaro-tchutchuca-e-mulher-onca-mostram-declinio-no-crise-politico.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.



Redação Jornalística: um guia para linguagem inclusiva de gênero

EVITANDO ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

ELLEN MELO

2024

Apresentação

Este Guia de Redação Jornalística é o produto tecnológico desenvolvido no Mestrado Profissional em Gestão Organizacional do Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Gestão e Negócios da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

O nosso objetivo é fornecer orientações que evitem a reprodução das representações estereotipadas das mulheres nos meios de comunicação.

Boa leitura!



1. Introdução

- **O que são estereótipos?**

São ideias construídas pelo senso comum, de cunho preconceituoso, utilizando afirmações gerais ou inverdades.

As representações das mulheres veiculadas na mídia vão quase sempre ao encontro das representações estereotipadas.

Mulheres objetificadas, reduzidas aos papéis de mãe, donas de casa, esposas, histéricas, dependentes dos homens são algumas das representações mais encontradas.

- **Como os meios de comunicação influenciam as representações?**

Devido à abrangência e rapidez dos meios de comunicação, as mensagens propagadas por eles influenciam a opinião e são o reflexo da própria sociedade.

Por essa razão, quando o conteúdo veiculado pela mídia reproduz os valores e ideais de uma cultura, ele está apenas contribuindo para sua perpetuação.

O que está escrito nas entrelinhas de uma notícia, o uso de certas palavras e expressões têm o poder de intensificar a desigualdade de gênero.



2.

Mãos à Obra

- **Exemplos concretos**

A Folha de S. Paulo é o jornal de maior circulação no país. Em julho de 2023, foram registrados 796 mil exemplares diários pagos e as assinaturas digitais chegaram a 752 mil (Folha de S. Paulo, 2023, s. p.).

O veículo foi o escolhido como objeto de estudo da dissertação e, a seguir, serão apresentados alguns trechos com estereótipos das mulheres encontrados nas matérias do jornal.

As matérias analisadas na dissertação têm como temática as quatro mulheres que foram candidatas à presidência nas eleições de 2022, são elas: Simone Tebet, Sofia Manzano, Soraya Thronicke e Vera Lúcia.

- **Mulheres com “coração de mãe”**

"A presidente que vai estar governando o Brasil não é a senadora, não é a deputada, que foi prefeita. É a alma da mulher e coração de mãe" (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Tebet, cuja campanha tem como mote central a chapa 100% feminina, trouxe no discurso elementos que desagradaram parte das mulheres. A menção ao "coração de mãe" leva uma noção antiquada e sexista do posicionamento da mulher na sociedade. Infelizmente, parte do eleitorado ainda é atraída para candidaturas femininas justamente por esse "sexismo benevolente", o que faz com que seja difícil para as políticas abandonarem esse tipo de discurso (Boldrini, 2022, s. p.)

Essa representação da figura de mãe é bem comum entre candidatas. Em 2022, a gente está vendo ela aparecer na corrida presidencial. [TV Cultura] Eu sou ficha limpa. Eu sou mãe. Eu e Mara, juntas, com a alma de uma mulher e o coração de uma mãe, nós vamos resolver definitivamente os problemas das pessoas (Folha de S. Paulo, 2022a, s. p.)

- **Análise**

Se o clichê de “coração de mãe” não é visto com bons olhos por reduzir o papel das mulheres e reforçar estereótipos, as matérias devem evitar o uso dessas expressões e termos.

No caso de Simone Tebet, a campanha dela optou por esse viés, mas não há necessidade de os veículos de comunicação reforçarem esse estereótipo.

Seria mais interessante para o contexto focar na trajetória política da candidata, seus feitos e conquistas. Na próxima página mostramos exemplos de como evitar esses estereótipos.

• Sugestões de construções

A candidata tem experiência política tanto no legislativo como em cargos no executivo;

Ao longo de sua trajetória, foi deputada estadual, prefeita por dois mandatos, vice-governadora e senadora;

Foi reeleita prefeita com mais de 70% dos votos;

Trabalhou em prol da implantação do teto dos gastos e da reforma trabalhista;

Tornou-se presidente da Comissão de Constituição e Justiça, a mais importante do Senado.

- **Mulheres são incapazes e dependentes**

Esses tucanos estimam ainda que, se Doria fosse candidato no lugar de Tebet, estaria à frente do terceiro colocado, o pedetista Ciro Gomes (Zanini, 2022, s. p.)

Tebet usou bem o artifício de se dirigir a Bonner e Renata pelos nomes de cada um, com olho no olho, como ensinou Lula na véspera (Padiglione, 2022, s. p.)

Tebet entrou na política por intermédio de seu pai, Ramez Tebet (1936-2006), político influente em Mato Grosso do Sul e que chegou à presidência do Senado (Machado, 2022, s. p.)

Nas viagens a Brasília a trabalho visitava o Congresso para pedir apoio para o afastamento de Dilma, movimento que a aproximou de Jair Bolsonaro, de quem recebeu o convite para se filiar ao PSL. Foi eleita em 2018, na onda bolsonarista, com a candidatura alavancada com o discurso anticorrupção (Brant; Machado; Moraes, 2022, s. p.)

- **Análise**

Nos trechos destacados, ficou claro que, seja por um grau de parentesco ou devido a um apoio político, a figura do homem sempre está presente na narrativa sobre as mulheres e são eles que levam os créditos por suas conquistas.

Um dos motivos que justificam o bom desempenho da candidata Simone Tebet na entrevista foi porque Lula ensinou a ela como se comportar.

As mulheres são capazes, independentes e podem obter sucesso sem o auxílio de um homem.

• Sugestões de construções

Soraya ficou conhecida no estado do Mato Grosso do Sul por participar de manifestações contra corrupção;

Thronicke é empresária, advogada e atuou em Campo Grande;

Ganhou projeção regional com a advocacia, em particular quando entrou com uma ação na Justiça contra o frigorífico JBS e conseguiu bloquear cerca de R\$ 700 milhões da empresa envolta num escândalo de corrupção;

O pai de Simone Tebet também atuou na vida política e foi presidente do Senado;

Durante a entrevista, Simone se referiu aos apresentadores pelos nomes de cada um e olho no olho.

- **Mulheres são confusas e nervosas**

Tebet foi cobrada pelos apresentadores pela falta de detalhamento em seu programa na área econômica. Ela respondeu a essas perguntas sem conseguir explicar como pretende atingir metas presentes em seu plano de governo, como a erradicação da pobreza (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Ela foi questionada em diferentes momentos pelos apresentadores sobre como pretende atingir as metas apresentadas em seu plano de governo. A senadora, que é assessorada por uma equipe de economistas liberais, tergiversou nas respostas e por vezes desviou do assunto, sem detalhar os números cobrados pelos entrevistadores (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Vale lembrar, a título de contexto, que Simone Tebet foi a favor do impeachment da presidenta Dilma e que ambas votaram em Bolsonaro em 2018, embora as duas hoje se coloquem como opositoras ao atual governo (Hermann, 2022, s. p.)

- **Análise**

Qualquer pessoa, independentemente do gênero, pode ser surpreendida por uma pergunta que exija detalhes ou explicações mais complexas. Porém, quando uma mulher não responde algo da forma como se espera ou não atende as expectativas, as matérias fazem questão de ressaltar isso;

Para descredibilizar as candidatas, é ressaltado também que elas mudam de opinião e que, por isso, são pessoas contraditórias, incoerentes e que não merecem a confiança da população na eleição.

- **Sugestões de construções**

Em um determinado momento na entrevista, foi pedido que a candidata fornecesse detalhes sobre o seu plano de governo. Ela respondeu às perguntas e reforçou suas metas como a erradicação da pobreza;

Simone Tebet foi a favor do impeachment da presidenta Dilma;

Tanto Tebet como Thronicke em 2018 votaram em Bolsonaro.

Durante a gestão Bolsonaro, ambas as candidatas passaram a votar contra o governo e se tonaram oposição

- **Mulheres são diferentes dos homens e precisam de um tratamento especial**

Simone Tebet buscou se diferenciar de outros integrantes do MDB que foram acusados e condenados por corrupção (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Sua equipe ressalta que ela é ficha limpa e não responde por episódios de corrupção (Machado, 2022c, s. p.)

Simone Tebet ressaltou o fato de ser uma candidata mulher e que por isso terá um outro olhar para governar o país (Coletta; Machado, 2022, s. p.)

Então, quando você pergunta para eles: ah, você acha que deve votar em mulher? Tudo que aparece é o sexismo benevolente. "Eu vou votar em mulher porque mulher é mais honesta", "porque mulher cuida", "porque mulher embeleza política," "mulher faz da política mais leve" (Folha de S. Paulo, 2022a, s. p.)

- **Análise**

Nos trechos destacados, as mulheres são usadas como recurso para melhorar a imagem do partido, se diferenciar dos homens envolvidos em corrupção ou simplesmente para atender uma cota estabelecida pela lei;

O machismo, o preconceito e os estereótipos sobre a figura feminina na política se fazem presentes;

- **Sugestões de construções**

Simone Tebet pertence ao MDB e, apesar do envolvimento de outros integrantes da mesma coligação em casos de corrupção, Tebet é ficha limpa;

A candidata Simone, por ter experiência tanto no legislativo como no executivo, afirma que tem vivência para governar o país de uma forma diferente;

- **Mulheres são engraçadas e históricas**

Soraya Thronicke, autointitulada "mulher-onça", controlou o comportamento histriônico revelado no debate da Band. Enfim felina, a senadora tentou parecer viável nos generosos dois minutos e dez segundos dados pelo seu partido, o União Brasil (Zeitel, 2022, s. p.)

Aposentando o gestual agressivo, Thronicke vestiu um casaco de couro ao modo dos personagens da novela "Pantanal" e se sentou em frente a um televisor que transmitia discursos de Lula e Bolsonaro (Zeitel, 2022, s. p.)

"Vara curta" entrou para os assuntos mais comentados do Twitter e rendeu memes após a senadora Soraya Thronicke (União Brasil) dizer para o presidente Jair Bolsonaro (PL) não cutucar a onça com "vara curta" no debate entre candidatos à Presidência no SBT, neste sábado (24). "Não cutuque a onça com a sua vara curta. Respeito", disse a senadora a Bolsonaro arrancando risadas no estúdio (Folha de S. Paulo, 2022b, s. p.)

- **Análise**

A forma como o jornal descreveu os acontecimentos passa para o público a sensação de falta de seriedade e de maturidade nas candidatas e que elas têm posturas infantis e amadoras;

O que, sem dúvida alguma, não é nada positivo para romper estereótipos ou aumentar a representatividade feminina na política;

Porém, durante um debate entre candidatos à presidência da República, espera-se uma postura séria, sóbria e que o único objetivo dos participantes seja apresentar propostas e projetos para melhorar a vida das pessoas.

- **Sugestões de construções**

Durante um dos debates, a candidata Soraya Thronicke fez referência a uma personagem da novela Pantanal, onde a protagonista, Juma Marruá, vira onça;

O intuito da comparação da candidata com a personagem da novela foi mostrar que assim como Juma, ela também pode ter posturas e ações enérgicas se o momento exigir;

- **Conclusão**

Ao colocar as mulheres como figuras bondosas, com “coração de mãe”, dependentes dos homens e inferiores aos homens, que não têm a capacidade de explicar assuntos sérios com propriedade, com necessidade de receber um tratamento diferente e que são engraçadas, os preconceitos e estereótipos são reforçados.

- **Exemplos de linguagem inclusiva de gênero**

EVITAR	USAR
Os políticos	Classe política
Os candidatos	Pessoas que pleiteiam ao cargo
Os eleitores	Pessoas que elegem, votam
Os participantes	Pessoas participantes
Os trabalhadores	Classe trabalhadora
Os juízes	Poder judiciário
Os jovens	Juventude
Os líderes	Liderança
Os diretores	Diretoria
Os deputados, os senadores	Congresso, Câmara
Leitores	Pessoas que leem
Aqueles	Alguém, quem
Eles	Pessoas

- **Outras expressões a serem evitadas para uma linguagem inclusiva de gênero**

“Mesmo sendo mulher” / “apesar de ser mulher”;

“Alcançou tal posição por ser filha / esposa de fulano”

“Deve estar de TPM” / “ela se descontrolou”

“Deve ser os hormônios...”

“Sua postura é intimidadora”

“Ela tem o coração de mãe”

“Lugar de mulher é..”

“Essa profissão / cargo é para homens”

“Com gestos agressivos”

“As mulheres precisam de um tratamento diferente...”

“O que ela quis dizer é que...”

Referências

BOLDRINI, A. Debate mostra que agenda feminina ainda é vista como política de papo furado. Folha de S. Paulo, Brasília, 29 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/debate-mostra-que-agenda-feminina-ainda-e-vista-como-politica-de-papo-furado.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

BRANT, D.; MACHADO, R.; MORAES, C. Mulheres fazem história com recorde de candidatas à Presidência, mas enfrentam desafios. Folha de S. Paulo, Brasília, 29 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/mulheres-fazem-historia-com-recorde-de-candidatas-a-presidencia-mas-enfrentam-desafios.shtml#simone-tebet-mdb-candidata-a-presidente>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024

COLETTA R. D.; MACHADO, R. Tebet culpa polarização por falta de apoio e evita citar números no JN para cumprir promessas. Folha de S. Paulo, Brasília, 26 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/tebet-culpa-no-jn-polarizacao-por-falta-de-apoio-e-fala-em-cooptacao-no-mdb.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

Referências

FOLHA DE S. PAULO. Podcast discute cotas para mulheres nestas eleições e machismo nos partidos.

Folha de S. Paulo, Brasília, 22 de set. de 2022a.

Disponível em: <

<https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2022/09/podcast-discute-cotas-para-mulheres-nestas-eleicoes-e-machismo-nos-partidos.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Soraya Thronicke diz para Bolsonaro 'não cutucar onça com sua vara curta' e rende memes. **Folha de S. Paulo**, 24 de set. de 2022b.

Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2022/09/soraya-thronicke-diz-para-bolsonaro-nao-cutucar-onca-com-sua-vara-curta-e-rende-memes.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

FOLHA DE S. PAULO. IVC muda cálculo para assinaturas; Folha é líder em circulação. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 de ago. de 2023. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/08/ivc-muda-calculo-para-assinaturas-folha-e-lider-em-circulacao.shtml#:~:text=Em%20julho%2C%20segundo%20os%20dados,vez%2C%20reflete%20a%20for%C3%A7a%20digital>>. Acesso em: 9 de nov. de 2023.

Referências

HERMANN, R. Excelências, aprendam a respeitar as mulheres! **Folha de S. Paulo**, 30 de ago. 2022.

Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/rosana-hermann/2022/08/excelencias-aprendam-a-respeitar-as-mulheres.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

MACHADO, R. Tebet carrega histórico de choques com MDB e experiência no Legislativo e no Executivo.

Folha de S. Paulo, Brasília, 28 de set. de 2022.

Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/tebet-carrega-historico-de-choques-com-mdb-e-experiencia-no-legislativo-e-no-executivo.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

PADIGLIONE C. Oratória de Simone Tebet é melhor do que pareceu no JN. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 27 de ago. de 2022. Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/2022/08/oratoria-de-simone-tebet-e-melhor-do-que-pareceu-no-jn.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

Referências

ZANINI, F. Tebet aposta em entrevista no JN para melhorar desempenho nas pesquisas. **Folha de S. Paulo**, 21 de ago. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/painel/2022/08/tebet-aposta-em-entrevista-no-jn-para-melhorar-desempenho-nas-pesquisas.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.

ZEITEL, G. Bolsonaro 'tchutchuca' e mulher-onça mostram crise no horário político. **Folha de S. Paulo**, 12 de set. de 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/09/bolsonaro-tchutchuca-e-mulher-onca-mostram-declinio-no-crise-politico.shtml>>. Acesso em: 14 de jan. de 2024.